ANTÔNIO RENATO GUSSO

OS LIVROS HISTÓRICOS

INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL E AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO

JOSUÉ
JUÍZES
RUTE
1 E 2 SAMUEL
1 E 2 REIS
1 E 2 CRÔNICAS
ESDRAS
NEEMIAS
ESTER

SANTOS

COPYRIGHT© 2011 POR
Antônio Renato Gusso

Todos os direitos reservados por:
A.D. SANTOS EDITORA
Al. Júlia da Costa, 215
80410-070 – Curitiba – Paraná – Brasil
+ 55 (41) 3207-8585
www.adsantos.com.br
editora@adsantos.com.br

Capa:
Igor Braga
Diagramação:
Manoel Menezes
Impressão e acabamento:
Gráfica Exklusiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gusso, Antônio Renato

Os Livros Históricos – Introdução fundamental e auxílios para a interpretação / Curitiba: A.D. SANTOS EDITORA, 2011. 136 p.

ISBN – 978.85.7459-234-3

CDD – 221

1. Livros históricos do Antigo Testamento.
2. Geografia do Antigo testamento.

CDD – 240

1. Preceitos Bíblicos; casuística moral cristã.

1ª Edição: Fevereiro / 2011 – 3.000 exemplares

Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios a não ser em citações breves, com indicação da fonte.

Edição e Distribuição:

SANTOS EDITORA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO GERAL AOS LIVROS HISTÓRICOS

2. O LIVRO DE JOSUÉ

3. O LIVRO DE JUÍZES

4. O LIVRO DE RUTE

5. OS LIVROS DE 1 E 2 SAMUEL

6. OS LIVROS DE 1 E 2 REIS

7. OS LIVROS DE 1 E 2 CRÔNICAS

8. O LIVRO DE ESDRAS

9. O LIVRO DE NEEMIAS

10. O LIVRO DE ESTER

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Este livro segue o mesmo esquema já empregado na minha obra denominada de "O Pentateuco: introdução fundamental e auxílios para a interpretação". Assim como o trabalho realizado no Pentateuco, e que continua nos Livros Poéticos e Sapienciais, além dos Profetas Maiores e Menores, abrangendo todo o Antigo Testamento, também este é fruto de muitos anos em sala de aula, mais de vinte. São anotações que, com o tempo e o debate com alunos de Cursos de Bacharelado em Teologia, foram sendo retrabalhadas até tomarem a forma atual. Então, ainda que esteja distante de ser chamado de ideal, o que temos aqui é um material bem testado que tem ajudado muitas pessoas a entenderem melhor os livros da primeira parte da Bíblia.

É bom destacar que não se trata aqui de uma introdução ao Antigo Testamento com suas características convencionais, nem, tão pouco, de um comentário bíblico completo, ainda que esta obra tenha um pouco de cada um destes gêneros em seu conteúdo.

O título escolhido, "Os Livros Históricos: introdução fundamental e auxílios para a interpretação", aponta para aquilo que, realmente, este livro é: uma obra que destaca as questões introdutórias principais e esclarece pontos básicos que apontam os caminhos para uma melhor interpretação dos livros bíblicos que compõem o grupo conhecido como Livros Históricos.

O grupo de livros bíblicos conhecidos como históricos é bastante grande. Ele é o conjunto formado por Josué, Juízes, Rute, 1Samuel, 2Samuel, 1Reis, 2Reis, 1Crônicas, 2Crônicas, Esdras, Neemias e Ester, nesta ordem de apresentação. Desta forma, percebe-se, desde o início, que seria impossível tratar aqui de todas as questões e detalhes que os envolvem. Também, deve ficar bem claro, esta não é a intenção. O objetivo é investir tempo e estudo nos pontos de destaques, ou naqueles em que existem dificuldades para a compreensão. Dentro do possível, não se investirá tempo no estudo de passagens que estão claras para a maioria dos leitores.

Em primeiro lugar, apresentamos uma introdução geral ao assunto. Nesta introdução os Livros Históricos são tratados como um grupo, e é dada ênfase na importância desta literatura para os estudantes da Bíblia, bem como nos períodos históricos que ela abrange e, ainda, na posição dos livros históricos dentro dos Cânones Hebraico, Católico e Protestante. Na sequência vem a apresentação de livro por livro desta coleção, onde são tratadas as questões introdutórias fundamentais e específicas de cada um seguidas dos auxílios para a interpretação.

Sempre que possível os textos bíblicos abordados serão transcritos no corpo deste livro, mas, como muitas vezes não é possível, a maior parte deles deve mesmo ser consultado em uma versão à parte. A versão bíblica utilizada nas citações diretas, quando outra não for mencionada, é a Almeida Século 21.

Vamos ao estudo!

1.

INTRODUÇÃO GERAL AOS LIVROS HISTÓRICOS

Os livros aqui estudados fazem parte de um grupo que os distingue dos demais do Antigo Testamento. Sendo assim, é necessária, para melhor situá-los no conjunto geral da Bíblia, antes do estudo unidade por unidade, apresentar uma introdução mínima à coleção como um todo. Os pontos destacados serão: 1) A importância dos Livros Históricos; 2) A posição dos Livros Históricos nos Cânones Hebraico, Católico e Protestante; e 3) Os períodos históricos que estes livros abrangem.

1.1. A Importância dos Livros Históricos

Ainda que os chamados livros históricos não possam ser considerados como história "pura", de acordo com as teorias modernas, eles são ricas fontes de relatos históricos de muita importância. Sem entrar na difícil questão de se definir o que realmente é história, estes livros, para o estudante da Bíblia, possuem imenso valor, pelo menos, por duas características básicas: 1) Por se tratar de uma parte significativa da Revelação de Deus; 2) Por registrar parte da história do povo de Deus.

1.1.1. Registro de parte significativa da revelação de Deus

O Antigo Testamento como um todo, em consequência também os Livros Históricos, sofre o preconceito de ser considerado "antigo" em relação ao Novo Testamento. Contudo, é bom lembrar que a Bíblia utilizada por Jesus e pelos apóstolos foi exatamente este Antigo Testamento, inclusive, com os chamados Livros Históricos, sem os livros do Novo Testamento, pois estes ainda não existiam, nem poderiam existir por aquela época, já que passaram a existir depois da formação da Igreja, após a morte e ressurreição de Jesus no primeiro século da era atual.

Em outras palavras, para os evangélicos, o Antigo Testamento é tão Palavra de Deus quanto o é o Novo Testamento e, dentro desta primeira parte da Bíblia, os Livros Históricos aparecem registrando boa parte da revelação de Deus. Cada evento, época e situação, mostram experiências marcantes do povo com Deus. Percebe-se neles a ação de Deus moldando, corrigindo e amando o seu povo. As

cenas mudam, apresentando desertos, guerreiros, aldeias, cidades, exílios, mas Deus permanece sempre o mesmo, sendo fiel e cumprindo suas promessas.

1.1.2. Registro de parte significativa da história de Israel

Os Livros Históricos também são importantes porque registram parte significativa da história de Israel. Eles apresentam, entre outros assuntos, o povo de Deus:

1) Unido por um grande líder (Josué);

2) Desorientados pela falta de líderes (Cada um fazia o que achava certo aos seus próprios olhos – Jz 17.6 e 21.25);

3) Sofrendo nas mãos de líderes maus como Eli, Salomão, Acabe, Manassés e outros;

4) Aprendendo por meio de líderes bons como Samuel, Davi, Elias e outros;

5) Sendo castigados por causa da desobediência (Cativeiros Assírio e Babilônico);

6) Tentando acertar o rumo após o sofrimento do desterro causado pela Babilônia (Esdras e Neemias);

7) Conseguindo escapar das tentativas de destruição (Ester).

Sendo parte da Palavra de Deus e registro de também parte da história do povo de Deus na Bíblia as lições eternas que se encontram nestes livros devem ser aplicadas para os dias atuais.

Contudo, alguns cuidados básicos devem ser levados em conta. Entre eles os que seguem na lista abaixo:

1) Lembrar que Israel era uma nação (ou duas, dependendo da época que se trata) – Os cristãos são Igreja;

2) Israel foi "salvo" da escravidão do Egito, além de várias outras dificuldades – Os cristãos são salvos da condenação eterna;

3) Deus prometeu a Israel uma terra – Deus promete para os cristão o Céu.

Para pensar: Israel foi eleito povo de Deus para servir os propósitos de Deus – E a igreja, foi eleita povo de Deus com que motivo?

1.2. A Posição dos Livros Históricos no Cânon

Pode-se dizer, na atualidade, que existem três principais Cânones diferentes em uso: o Hebraico, o Católico e o Protestante, ou Evangélico. Como a posição dos aqui chamados Livros históricos varia

de cânon para cânon é importante saber onde eles estão localizados em cada um deles. Vejamos!

1.2.1. A posição no Cânon Hebraico

O Cânon Hebraico divide-se em três partes principais: *Tôrâ* (hr;/T = Lei), *Nevî'îm* (µyaiybin] = Profetas) e *Ketûvîm* (µybiWtK] = Escritos). Sendo que sua segunda divisão, *Nevî'îm* (µyaiybin] = Profetas), é subdividida em mais duas partes, os chamados Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Parece que estas partes foram sendo reconhecidas como possuindo autoridade divina parte por parte, na ordem em que aparecem, primeiramente a *Tôrâ* (hr;/T = Lei), depois a chamada de *Nevî'îm* (µyaiybin] = Profetas) e, mais tarde, a conhecida como *Ketûvîm* (µybiWtK] = Escritos).

Veja, a seguir, a ordem geral do Cânon Hebraico, com os Livros Históricos em destaque. Os Livros Históricos aparecem em itálico e sublinhado, para facilitar a identificação.

1) *Tôrâ* (hr;/T) = Lei = Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

2) *Nevî'îm* (µyaiybin]) = Profetas

2.1. = Profetas Anteriores = *Josué*, *Juízes*, *1 e 2 Samuel* e *1 e 2 Reis*.

2.2. = Profetas Posteriores = Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

3) *Ketûvîm* (µybiWtK]) = Escritos = Salmos, Provérbios, Jó, Can-tares, *Rute*, Lamentações, Eclesiastes, *Ester*, Daniel, *Esdras*, *Neemias*, e *1 e 2 Crônicas*.

Como é possível notar os Livros Históricos estão em duas partes distintas no Cânon Hebraico. Alguns deles estão na primeira divisão dos Profetas, a parte chamada de Profetas Anteriores, e outros estão entre os Escritos.

1.2.2. A posição no Cânon Católico

O Cânon Católico divide-se em quatro partes e possui mais livros do que o Cânon Hebraico e o Cânon Protestante, ou Evangélico, que são compostos pelos mesmos livros, apenas em ordem diferente. Veja a seguir onde se encontram os Livros Históricos no Cânon Católico. Assim como no ponto anterior aqui também eles estão em itálico e sublinhado. Os livros que não fazem parte do Cânon Evangélico e Hebraico aparecem em negrito.

1) *Pentateuco* = Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

2) *Livros Históricos* = *Josué*, *Juízes*, *Rute*, *1 e 2 Samuel*, *1 e 2 Reis*, *1 e 2 Crônicas, Esdras*, *Neemias*, **Tobias**, **Judite**, *Ester*, **1 e 2 Macabeus**.

3) *Livros Sapienciais* = Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, **Sabedoria**, **Eclesiástico**.

4) *Os Profetas* = Isaías, Jeremias, **Baruque**, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

Como é possível observar com facilidade, no Cânon Católico, os Livros Históricos estão na segunda divisão, a que é conhecida, exatamente, pelo nome de Livros Históricos. Contudo, a quantidade de livros chamados de históricos no Cânon Católico é maior, em relação ao Cânon Hebraico e ao Protestante.

1.2.3. A posição no Cânon Protestante, ou Evangélico

O Cânon Protestante, ou Evangélico, segue o hebraico em relação aos livros adotados, mas difere na divisão e localização destes. Veja como fica. Os históricos estão em itálico e sublinhado na divisão que leva este mesmo nome. Na apresentação da matéria deste livro está sendo levada em conta a posição dos livros bíblicos dentro do Cânon Protestante.

1) *Pentateuco* = Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

2) *Livros Históricos* = *Josué*, *Juízes*, *Rute*, *1 e 2 Samuel*, *1 e 2 Reis*, *1 e 2 Crônicas, Esdras*, *Neemias* e *Ester*.

3) *Livros Poéticos* = Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos.

4) *Os Profetas Maiores* = Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel, Daniel.

5) Os Profetas Menores = Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

1.3. Períodos Históricos

Deixando-se de lado os livros de Crônicas, os Livros Históricos seguem no Cânon Protestante em uma razoável ordem cronológica. Veja abaixo a relação dos livros e seus períodos históricos, com datas aproximadas dos acontecimentos.

Josué – Conquista e divisão da terra conquistada – 1411 a.C.

Juízes e Rute – Período teocrático – 1292 a.C.

1 e 2 Samuel – Fundação e auge da monarquia – 1100-1000 a.C.

1 e 2 Reis – Divisão do reino e queda da monarquia – 931-586 a.C.

1 e 2 Crônicas – Escrito pós-exílico – breve história de Israel, desde os primórdios da raça humana até o Cativeiro Babilônico.

Esdras, Ester e Neemias – Volta do cativeiro e tentativa de reconstrução da teocracia – 517 a.C.

Os períodos históricos também podem ser representados de outras formas. Na sequência será visto um panorama geral da história bíblica destacando-se, em negrito, os períodos que os Livros Históricos abrangem, ainda que de forma muito breve.

Criação	**Patriarcas**	Cativeiro Egípcio – Êxodo – Peregrinação	**Conquista de Canaã**	**Período Teocrático**

Fundação e Auge da Monarquia – Divisão e Queda da Monarquia	Cativeiro Babilônico	**Volta do Cativeiro – Reconstrução da Teocracia**	Período Inter-testamentário

2.

O LIVRO DE JOSUÉ

Aqui veremos algumas das questões introdutórias fundamentais que envolvem o Livro de Josué. Serão destacadas as informações a respeito do nome, época e autoria do livro, um pouco sobre o personagem principal, o esboço geral da obra e pontos especiais relacionados com o conteúdo. A intenção é fornecer subsídios para tornar possível uma melhor interpretação do texto.

Não deixe de acompanhar a leitura das páginas que seguem com uma boa versão bíblica que deverá ser consultada constantemente.

2.1. Nome, Época e Autoria do Livro

Não há muito o que se dizer a respeito do nome do livro. Na verdade, ele leva o nome de seu heroi, Josué. O nome original hebraico *yehôshua'* ([ævu/hy]) foi transliterado na Septuaginta como *Iesus Naue* ('Ihsoùõ Nauh' – Josué Filho de Nun), o qual, sem o designativo "Filho de Nun", é o mesmo empregado para Jesus no Novo Testamento Grego.

Semelhante a muitos outros livros do Antigo Testamento, o de Josué também é anônimo. Não dá para concluir quem seja o seu autor ainda que seja possível afirmar que partes dele foram escritas pelo próprio Josué, conforme a informação encontrada em 24.26 que diz: "Josué escreveu estas palavras no Livro da Lei de Deus; e, tomando uma grande pedra, a pôs ali debaixo do carvalho que estava junto ao santuário do SENHOR".

A informação, no livro, a respeito da morte de Josué, descarta totalmente a possibilidade de ter sido ele o autor da obra como hoje existe. A passagem apresenta a seguinte informação: "Depois destas coisas Josué, filho de Num, servo do SENHOR, morreu, com cento e dez anos de idade; e o sepultaram no território de sua herança, em Timnate-Sera, que está na região montanhosa de Efraim, para o norte do monte Gaás" (24.29-30).

Alguns têm defendido que o livro foi escrito, ou recebeu a composição final, na época dos reis de Israel, ainda que o material básico seja muito mais antigo. Isto está em relativa harmonia com a

afirmação encontrada em 24.31 que demonstra ter sido o livro escrito muito tempo depois de Josué. Veja o texto: "Israel cultuou o SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que sobreviveram a Josué e que conheciam toda a obra que o SENHOR havia feito em favor de Israel".

É bom destacar que, no momento da escrita do livro, pelo menos um episódio dentre os narrados, já fazia parte de um outro livro mais antigo que acabou sendo citado pelo autor do Livro de Josué. A fonte de onde foi tirado o episódio, a famosa narrativa envolvendo o dia em que o sol e a lua pararam, chamava-se *seper hayyashar* (rv;Y;hæ rp,se), e tem recebido, normalmente, a tradução de "O Livro do Justo" (Js 10.13).

2.2. O Personagem Principal do Livro de Josué

Josué filho de Num, era oriundo da tribo de Efraim, uma das partes em que foi dividida a tribo de José. Ele nasceu no Egito e aparece pela primeira vez na Bíblia em Ex 17, onde atua como comandante de uma força que fez frente aos amalequitas. Em Ex 33.11, ele é encontrado atuando como um jovem servo de Moisés. O texto diz assim: "E o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo. Em seguida, Moisés voltava para o acampamento; mas seu auxiliar, o jovem Josué, filho de Num, não se distanciava da tenda".

Por ocasião da missão enviada por Moisés para fazer o reconhecimento de Canaã, antes da invasão que acabou sendo adiada, logo após a saída do Egito, já está claro que Josué era um dos principais líderes de Israel (Nm 13.1-15). Na ocasião, juntamente com Calebe, demonstrou grande fé em Deus, tentando incentivar o povo a, mesmo contra as evidências que eram desfavoráveis, partir para a conquista imediata de Canaã, confiando em Deus e não nas próprias forças (Nm 14.5-10).

Seu nome, Josué (*yehôshua'* - [ævu/hy]), foi dado pelo próprio Moisés (Nm 13.16) e significa "Yavé é Salvação". Antes de Moisés lhe chamar de Josué ele era chamado de Oseias (*hôshea'* - [æve/h), que significa "Salvação". Ao que parece, Moisés corrigiu um erro teológico expresso no nome do jovem. Para ele, a salvação vinha de Yavé e de mais ninguém. Também não deve ser desprezada a possibilidade de estar demonstrando sua autoridade sobre Josué. Ter poder para trocar o nome de alguém é sinal de autoridade sobre este alguém.

Como ajudante direto de Moisés, Josué participou dos acontecimentos importantes envolvendo o grande líder. Esteve com Moisés desde o início, no monte, quando do recebimento da Lei (Ex 24.13...) e continuou ao seu lado até o fim, quando, como era de se esperar, mas indicado por Deus, assume o lugar de seu superior (Dt 31.14... ; 34.9 e Js 1.1-2).

Se for levado em conta que Josué ao iniciar a sua carreira ao lado de Moisés era um jovem com, no mínimo uns vinte anos de idade, pois já era líder em sua tribo e apto para a guerra, inclusive para comandar, na ocasião em que assumiu o comando do povo para entrar na Terra Prometida, perto de quarenta anos mais tarde, ele deveria estar com mais de sessenta anos de idade. Com certeza isto, somado ao convívio que teve com Moisés, fazia dele um líder muito experiente e uma das pessoas mais indicadas para assumir a liderança do povo naquele momento.

2.3. O Esboço Geral do Livro de Josué

O livro pode ser dividido em quatro partes bem claras. Elas com suas subdivisões podem ser esboçadas assim:

1. A CONQUISTA DE CANAÃ (1-12)

- 1.1. Josué Assume a Posição de Líder do Povo (1)
- 1.2. Dois Espiões São Enviados a Canaã (2)
- 1.3. A Passagem do Jordão (3-4)
- 1.4. A Circuncisão e a Páscoa (5.1-12)
- 1.5. O Encontro de Josué com Deus (5.13-15)
- 1.6. A Conquista de Jericó (6)
- 1.7. O Problema de Ai (*'Ay* - y[æ) (Capítulos 7 e 8)
- 1.8. A Aliança Com os Gibeonitas (9.1-10.27) 1.9. Diversas Vitórias (10.28-12.24)

2. A DIVISÃO DAS TERRAS (13-22)

- 2.1. As Terras a Serem Conquistadas (13.1-13)
- 2.2. Heranças Dadas por Moisés (13.14-32)
- 2.3. O Sistema de Divisão Para as Nove Tribos e Meia (14.1-5)
- 2.4. Josué dá Hebron Como Herança Para Calebe (14.6-15)
- 2.5. As Heranças das Nove Tribos e Meia (15-19)
- 2.6. As Cidades de Refúgio (20)
- 2.7. As Cidades dos Levitas (21)
- 2.8. A Separação das Tribos Que Ficaram do Outro Lado do Jordão (22)

3. EXORTAÇÕES FINAIS DE JOSUÉ A ISRAEL (23.1-24.28)

- 3.1. Exortação a Guardar a Lei (23)
- 3.2. Despedida de Josué (24.1-13)
- 3.3. A Renovação da Aliança (24.14-28)

4. A MORTE DE JOSUÉ E ELEAZAR (24.29-33)

2.4. Destaques do Texto e Auxílios Para a Interpretação

Seria impossível verificar todos os textos em um livro como este. Portanto, aqui serão dados apenas alguns dos destaques importantes, seguindo a ordem das divisões principais propostas no esboço geral.

2.4.1. Primeira parte: A conquista de Canaã (1-12)

1) Josué assume a posição de líder do povo (1.1-18)

Todo lugar onde o povo pisasse lhes seria dado por Deus.

O texto diz assim: “Como disse a Moisés, eu já vos dei todo lugar que pisardes com a sola do pé” (Js 1.3) – Isto, longe de algumas interpretações populares e supersticiosas que aplicam o texto de forma mágica, achando que o ponto principal é pisar, fisicamente o lugar a ser conquistado, ou adquirido, como um ritual que lhes dará a vitória, mostra que o povo tinha que primeiro avançar, demonstrando fé e coragem, para depois receber o prêmio da fé que os levava adiante. Ou seja, até onde eles fossem, ou melhor, ainda, até onde a fé deles os levasse, nada a mais nada a menos, Deus lhes daria a vitória.

Neste primeiro capítulo a expressão “sê forte e corajoso” (*hazaq we’emats* - m;aÖw, qzæj}) é utilizada quatro vezes para Josué (vs. 6, 7, 9 e 18). O que demonstra a dificuldade da tarefa.

2) Dois espiões são enviados a Canaã (Capítulo 2)

Alguns têm dificuldade para interpretar o texto, pois existem detalhes difíceis para o cristão moderno. Por exemplo:

a) Os espiões se hospedaram na casa de uma prostituta;
b) A prostituta Raabe os escondeu;
c) Raabe enganou os soldados que procuravam os espiões;
d) Raabe traiu o seu povo. Será que eles e ela agiram corretamente?

Ajuda para esclarecer a pergunta feita no parágrafo anterior:

a) Eles se hospedaram em um dos poucos lugares acessíveis;
b) Raabe reconheceu que o Deus de Israel era o verdadeiro Deus;
c) O povo todo de Jericó sabia que Deus havia dado Canaã para Israel;
d) Entre ser fiel a seu povo e a Deus Raabe escolheu a Deus.

Alguns intérpretes percebem uma alusão ao futuro Cristo no simples cordão vermelho colocado como sinal na janela da casa de Raabe (2.17-21). Contudo, isto é muito mais do que o texto diz.

O mais provável é que ele servia apenas como um sinal para que a casa não fosse invadida. Ser vermelho, ou de qualquer outra cor, não faria nenhuma diferença. Na opinião de Richard Hess também é possível que o fio vermelho amarrado na janela fosse algo já existente, quem sabe para anunciar o propósito da “casa” de Raabe. Se foi este o caso, o cordão vermelho amarrado não deve ter levantado nenhuma suspeita para aqueles de Jericó que o viram naquele lugar.[Nota 1]

3) A passagem do Jordão (3-4)

A passagem pelo rio Jordão é algo bastante semelhante à passagem do mar, sob a liderança de Moisés, na saída do povo do Egito. Ela deveria ser lembrada pelo memorial composto pelas pedras que foram tiradas do leito do rio (Cap. 3 e 4). Isto nos alerta que os grandes feitos de Deus devem ser relembrados, para edificação das gerações futuras.

A travessia do Jordão aconteceu em época de cheias, quando sua largura ultrapassava em muito a costumeira que ficava entre 27 e 30 metros e, com certeza, mais fundo do que os costumeiros 1,8 a 3 metros de profundidade. É interessante notar que as águas do rio pararam muito longe de onde estavam os israelitas, próximo de Adã, 29 Km ao norte de Jericó (3.16), e que o vale do Jordão fica na junção de placas tectônicas. É uma região sujeita a terremotos e sabe-se de alguns que chegaram a bloquear o fluxo do rio. Contudo, o texto não menciona nenhum terremoto. Ele não se atem à causas secundárias, somente destaca a ação de Deus.[Nota 2]

4) A circuncisão e a Páscoa (5.1-12)

Dois rituais importantes foram cumpridos antes de partirem para a conquista. Todos os homens foram circuncidados e foi celebrada a festa da Páscoa. Como passaram a se alimentar do produto da região, logo o maná, que os havia sustentado por tantos anos, cessou.

5) O encontro de Josué com Deus (5.13-15)

Como preparativo final para a conquista de Jericó, Josué tem um encontro com Deus, onde ele percebe que o verdadeiro comandante de Israel é Deus e não ele. Ao perceber isto, certamente aliviado, coloca-se de forma obediente à disposição de Deus. Como aplicação para a atualidade é bom perceber que na obra de Deus ele mesmo é o líder. "Deus está presente!"

Veja como ocorreu este encontro, de acordo com a Versão Almeida Século 21:

> 13 Estando Josué perto de Jericó, levantou os olhos, olhou e adiante dele estava em pé um homem com uma espada desembainhada na mão. Josué aproximou-se dele e perguntou-lhe: Estás a nosso favor, ou a favor de nossos adversários?
>
> 14 Ele respondeu: Nenhum dos dois. Venho agora como chefe do exército do SENHOR. Então, prostrando-se com o rosto em terra em reverência, Josué perguntou-lhe: Que diz o meu senhor ao seu servo?
>
> 15 Então o chefe do exército do SENHOR respondeu a Josué: Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E Josué assim fez (Js 5.13-15).

Nas palavras de Richard Hess pelo menos três pontos sugerem que esta passagem trata de um encontro divino e não de alguma autoridade angelical. São eles: 1) Josué adora o recém chegado que, por sua vez, aceita a adoração; 2) A santidade, em toda a Bíblia, é uma manifestação de presença de Deus; e 3) No capítulo 6 de Josué, o qual não deve ser separado do texto de Josué 5.13-15, o comandante do exército do SENHOR é o próprio Deus.[Nota 3]

6) A conquista de Jericó (6)

A conquista da cidade de Jericó pode ser descrita da seguinte forma:

a) Deus prometeu entregar Jericó 6.1-2

b) Deus apresenta o plano de conquista 6.3-5

c) Josué e o povo creram em Deus 6.6-19

d) Deus deu a vitória 6.20-21

e) Preservação da família de Raabe 6.22-25

f) A cidade foi amaldiçoada 6.27

Destaque: Pela fé na Palavra de Deus é possível alcançar vitórias que por outras maneiras seriam inatingíveis.

7) O problema de Ai (’Ay - y[æ) (Capítulos 7 e 8)

Logo após uma grande vitória veio uma humilhante derrota. Isto devido ao problema causado por Acã. Antes de discutir as consequências do pecado de Acã é bom perceber o significado de anátema (*herem* - µr,je), palavra que normalmente tem sido entendida como sinônimo de maldição. De fato, como é possível notar neste contexto, sem verificar em outros, a palavra tem pelo menos três significados diferentes que são:

a) O ato de dedicar a Deus “A cidade, porém, com tudo que nela houver, será anátema ao SENHOR; somente a prostituta Raabe ficará viva, ela com todos os que com ela estiverem em casa, porque escondeu os mensageiros que enviamos” (Js 6.17);

b) O objeto dedicado a Deus “Mas os israelitas cometeram uma transgressão no caso do anátema, pois Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi, filho de Zerá, da tribo de Judá, tomou do anátema; e a ira do SENHOR se acendeu contra os israelitas” (Js 7.1) “Israel pecou! Eles quebraram a minha aliança que lhes ordenei. Tomaram do anátema, furtaram-no e, dissimuladamente, esconderam-no entre as suas posses” (Js 7.11);

c) O fato de se estar sob maldição por ter transgredido a ordem de Deus, ao tomar dos objetos a ele dedicados “No vosso caso, guardai-vos do anátema, para que não tomeis dele coisa alguma, e não façais anátema o acampamento de Israel, trazendo-lhe destruição” (Js 6.18)

“Por isso os israelitas não puderam subsistir perante os seus inimigos, retrocederam diante deles, porque se fizeram anátema. Se não destruirdes o anátema do meio de vós, não estarei convosco” (Js 7.12).

Não é fácil de explicar a razão pela qual todo o Israel foi castigado pelo pecado de Acã, mas alguns pontos podem ajudar, veja:

a) As consequências do pecado vão além do pecador;

b) O conceito de aliança deve ser levado em conta – Por meio da atitude de Acã foi quebrada a aliança entre Deus e Israel;

c) Efeito pedagógico – Quando todos fazem parte um deve cuidar do outro.

Obs.: Sempre é bom lembrar que Deus não tinha um acordo (Aliança) com Acã, individualmente, mas sim com Israel. Como Acã era parte de Israel, ao quebrar a Aliança, Israel quebrou.

Para pensar: Quando um cristão peca toda a Igreja peca?

Sanado o problema com Acã a cidade de Ai foi destruída e a aliança renovada entre Deus e o povo de Israel (8).

8) A aliança com os gibeonitas 9.1-10.27

Quando os povos de Canaã ouviram falar das vitórias de Josué se uniram para enfrentá-lo. Em Josué 9.1-2 diz assim:

> "1 E sucedeu que todos os reis que estavam além do Jordão, na região montanhosa, na baixada e em toda a costa do grande mar, dfronte do Líbano, sim, o rei dos heteus, dos amorreus, dos cananeus, dos perizeus, dos heveus
>
> 2 e dos jebuseus ouviram isto e de comum acordo ajuntaram-se para batalhar contra Josué e contra Israel".

Os habitantes de Gibeom, ao contrário dos demais habitantes de Canaã, preferiram fazer uma aliança com Israel e, para isto, enganaram Josué e os líderes (9.3-27). Na opinião do autor do Livro de Josué os líderes de Israel foram enganados por não terem consultado a Deus, como se vê em 9.14: "Então os homens de Israel avaliaram a provisão deles, e não pediram conselho ao SENHOR". Parece que gostaram das provisões que os gibeonitas ofereceram.

Também é interessante notar neste relato o valor que era dado ao juramento. Josué 9.15 narra o seguinte: "Assim Josué fez uma aliança de paz com eles, prometendo poupar-lhes a vida; e os líderes da comunidade lhes prestaram juramento". Ainda que eles tenham sido enganados ao fazer a aliança com os gibeonitas, não ousaram quebrar o juramento quando a manobra foi descoberta (9.18-19). Inclusive se viram obrigados a defendê-los de ataques de outras nações (10.6-15).

Neste texto também aparece o relato dizendo que o sol e a lua pararam. Não devemos nos preocupar com as consequências disto. Com certeza o acontecimento foi descrito no linguajar, e dentro dos conhecimentos científicos, da época. Seria bobagem discutir que o sol já está parado e o que deve ter acontecido é que a Terra parou. Ou que isto seria impossível pelas consequências terríveis que causaria. Deus pode fazer o que quiser com a natureza, por ele criada. Pode inclusive, se pode todas as coisas como cremos, fazer com que o dia se alongue, como o texto descreve, sem mudar nada no curso normal da natureza (10.12-15).

Josué aproveitou a execução dos reis inimigos para apresentar uma profecia dramatizada. Veja como aconteceu quando estes reis, prisioneiros de guerra, foram levados a Josué:

> 24 Quando foram levados a Josué, ele chamou todos os homens de Israel e disse aos comandantes dos homens de guerra que o haviam acompanhado: Aproximai-vos e colocai o pé no pescoço destes reis. E eles se aproximaram e colocaram o pé no pescoço deles.
>
> 25 Então Josué lhes disse: Não temais, nem tenhais medo; esforçai-vos e sede bravos, porque assim o SENHOR fará a todos os vossos inimigos, contra quem terei de batalhar.
>
> 26 Depois disto Josué os feriu e os matou, e os pendurou em cinco madeiros, onde ficaram pendurados até a tarde.
>
> 27 Ao pôr do sol, por ordem de Josué, foram tirados dos madeiros, lançados na caverna onde se haviam escondido. Na entrada puseram grandes pedras, que ainda ali estão até o dia de hoje (10.24-27).

Este tipo de ato simbólico levado a efeito por Josué e seus comandantes tem sido atestado pela arqueologia como prática até certo ponto comum aos povos do Oriente Próximo e Médio, como os egípcios, assírios e outros.[Nota 4]

9) Diversas vitórias (10.28-12.24)

Como destaques desta parte podem ser citados a aparente conquista total de Canaã e o endurecimento dos corações (sede dos pensamentos) dos inimigos de Israel. O endurecimento vinha do próprio Deus que já os havia condenado (11.20). Endurecidos, ou seja, não raciocinando direito, faziam frente a Israel, não entendendo que não havia como vencê-los, e eram derrotados.

Uma leitura rápida de Josué 11.23 pode dar a impressão que a conquista de Canaã já estava completa por aquela ocasião, mas um olhar mais atento no versículo anterior, no próprio capítulo e nos seguintes mostra que não é bem isto que o autor desejava transmitir. O texto de Josué 11.23 informa o seguinte: “Assim Josué tomou toda esta terra, conforme tudo o que o SENHOR tinha dito a Moisés, e deu-a como herança a Israel, dividindo-a segundo as suas tribos; e a terra descansou da guerra”. Porém, se voltarmos para o versículo anterior é possível perceber que nem todos os povos foram vencidos. Está escrito: “Nem um sequer dos anaqueus foi deixado na terra dos israelitas; ficaram somente alguns em Gaza, em Gate e em Asdode” (Js 11.22). E, ainda, se avançarmos um pouco mais na leitura, fica claro que havia muita terra para ser conquistada, como está escrito em Josué 13.1: “Josué já estava velho e avançado em idade, quando o SENHOR lhe disse: Já estás velho e avançado em idade, e ainda há muitíssima terra para se possuir”.

2.4.2. Segunda parte: A divisão das terras (13-22)

1) A divisão

Como já foi destacado anteriormente nem todas as cidades foram conquistadas (13.1-13) e, ao que parece, depois de uma conquista conseguida por ataques em massa, com todo o Israel unido, Canaã foi dividida por meio de sorteio, e cada tribo teve que reconquistar ou, ao menos, tomar posse de

suas partes. Isto fica claro nos relatos que mostram Calebe pedindo Hebrom para si (14.6-15) e, na sequência (15.13-17), ele lutando para conquistá-la.

2) As cidades de refúgio

A criação de cidades de refúgio aparece como um instrumento de justiça. Ver capítulo 20 em conjunto com Números 35. Deus já havia encarregado Moisés de separar cidades como estas para que o "vingador do sangue" não executasse pessoas inocentes ou, mesmo culpadas, sem que tivessem uma chance de julgamento justo.

"Vingador do sangue" (*go'el haddam* - µD;hæ laeGo), era o parente mais próximo da vítima. Ele tinha a obrigação de vingar a morte de seu parente matando o assassino.

3) As cidades dos levitas

Os levitas habitaram em cidades espalhadas por toda a região de Canaã (21), assim estariam entre todas as tribos e poderiam ministrar a todo o povo de Israel. A distribuição de cidades para os levitas cumpre uma ordem de Deus que foi dada por meio de Moisés e registrada em Números 35. De acordo com Hess as medidas das terras em redor das cidades dos levitas fornecidas em Números 35 sugerem que elas não passavam de pequenos vilarejos com poucas casas em cada um. Ele também informa que este sistema não é exclusivo de Israel podendo ser comparado às cidades sacerdotais egípcias e às descritas em textos provenientes de Alalakh. Nestes textos se encontram informações a respeito de cidades que foram doadas junto com seus distritos, de forma semelhante à descrita em Josué 21, onde também as cidades foram dadas juntamente com suas terras para pastagem.[Nota 5]

4) O altar construído próximo ao rio Jordão

Logo depois de estabelecidas, cada tribo em sua própria região, estiveram muito perto de enfrentar a primeira guerra civil (22). Isto por terem as tribos de Rúben, Gade e uma parte da tribo de Manassés construído um altar. O efeito pedagógico do castigo por causa de Acã estava na lembrança deles (22.19-20). As demais tribos se levantaram para impedir a idolatria, com medo de também serem castigados pela transgressão cometida por esta parte de Israel.

Como as explicações foram convincentes, ficando claro que o altar era apenas um memorial para estas tribos e não uma forma de adoração a outros deuses, a paz foi mantida. Contudo, fica claro que eles estavam dispostos a, se preciso fosse, lutar entre si, como acabou acontecendo mais tarde.

2.4.3. Terceira parte: Exortações finais de Josué a Israel (23.1-24.28)

Três destaques devem ser feitos nesta divisão do livro.

1) Nem todos os povos haviam sido conquistados até aquela época. A conquista total dependeria, inclusive, da obediência total do povo a seu Deus Yavé (23).

2) A história de Israel é relembrada em uma forma "kerigmática" (24.1-13), semelhante àquela que é

apresentada em Deuteronômio 26.5-9, contendo os seguintes elementos:

Arameu – Egito – Nação – Sofrimento – Servidão – Libertação – Conquista

3) A aliança é renovada em um ritual que constou das seguintes partes:

a) Desafio a servirem a Yavé (24.14-15) – (Josué já havia feito a sua escolha);

b) Resposta do povo (24.16-18) – (O povo reconhece que Yavé os havia colocado na terra de Canaã);

c) São apresentadas as consequências da quebra da aliança (24.19-20) – (Deus vos fará mal depois de ter feito o bem);

d) Resposta do povo (24.21);

e) Desafio à lealdade exclusiva (24.22-23);

f) Resposta do povo (Final do v.23 e v. 24);

g) A conclusão da aliança (24.25);

h) A testemunha da aliança (24.26-28) – (Uma pedra)

Obs.: Ainda que a utilização de uma pedra nesta cerimônia tenha sido entendida por alguns como uma espécie de reminiscência de cultos pagãos cananitas6 não se pode deixar de lado o significado do ato que o texto parece dar. Ela ser tomada como testemunha, deve ser entendida como um memorial, um marco, estabelecido para que as gerações futuras lembrassem do ocorrido entre seus antepassados e Deus.

2.4.4. Quarta parte: A morte de Josué e Eleazar (24.29-33)

A quarta divisão do livro é uma conclusão lógica para a obra. Nela está a informação a respeito do sepultamento dos ossos de José, em Canaã (Js 24.32), como havia pedido séculos antes (Gn 50.25), e o relato das mortes de Josué e de Eleazar, o sumo sacerdote. Ela, além de mostrar que o livro foi escrito, em sua forma final, muito tempo depois de Josué marca, também, o fim de uma era. Confira os textos abaixo:

"E José fez os israelitas jurarem, dizendo: Certamente Deus vos visitará e fareis transportar daqui os meus ossos" (Gn 50.25).

> "32 Os ossos de José que os israelitas trouxeram do Egito foram enterrados em Siquém, naquela parte do campo que Jacó comprara aos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de prata, e que se tornara herança dos filhos de José.

33 Eleazar, filho de Arão, também morreu; e o sepultaram no monte de Fineias, seu filho, que havia sido dado na região montanhosa de Efraim" (Js 24.32-33).

"Israel cultuou o SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que sobreviveram a Josué e que conheciam toda a obra que o SENHOR havia feito em favor de Israel" (Js 24.31).

Notas

Nota 1 - HESS, Richard. Josué: introdução e comentário. São Paulo: VidaNova, 2008, p.86-87. [Voltar]

Nota 2 - HESS, Richard. Josué: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.95. [Voltar]

Nota 3 - HESS, Richard. Josué: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.114. [Voltar]

Nota 4 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis. São Paulo: Hagnos, 2001, p.937. [Voltar]

Nota 5 - HESS, Richard. Josué: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.249-250. [Voltar]

Nota 6 - BUTLER, Trent C. In: HUBBARD, David A. e BARKER, Glenn W. (Ed. Geral) Word biblical Commentary: Joshua. Waco, Texas: Word Books, Publisher, 1983, p.277. [Voltar]

3.

O LIVRO DE JUÍZES

A introdução do Livrode Juízes é muito parecida coma introdução do Livro de Josué, chamando a atenção do leitor para a continuidade do relato. Josué inicia anunciando os acontecimentos que ocorreram logo depois da morte de Moisés, a qual havia sido registrada no último capítulo de Deuteronômio e Juízes inicia com o anúncio do que ocorreu depois da morte de Josué, que foi registrada no último capítulo do Livro de Josué. Assim, estas obras estão ligadas entre elas. Veja o início de Josué e de Juízes, a seguir.

O primeiro versículo de Josué diz assim: "Depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, este falou a Josué, filho de Num, auxiliar de Moises". Já o Livro de Juízes, de forma parecida, começa assim: "Depois da morte de Josué, os israelitas perguntaram ao SENHOR: Quem de nós será o primeiro a guerrear contra os cananeus?" (Jz 1.1).

Bem, ainda que os dois tenham este início semelhante eles são bastante diferentes. Contudo, isto não afeta muito o método que aqui está sendo utilizado. Assim, o esquema de abordagem do assunto que será utilizado em Juízes será o mesmo já empregado em Josué. Serão vistas algumas questões introdutórias fundamentais, o esboço geral da obra, e, na continuidade, alguns detalhes que podem ajudar na interpretação.

3.1. O Nome do Livro

O nome do livro em português é oriundo do latim *"Liber Judicum"* que deve estar baseado na tradução do termo grego *kritai* (kritaiv), que possui o significado de juízes. No original hebraico o livro é chamado de *shôftîm* (µyfip]/v). Este nome é tirado do próprio conteúdo do livro onde vários de seus personagens são identificados por este termo.

O termo *shôftîm* (µyfip]/v) descreve pessoas que eram mais do que árbitros judiciais, como a tradução juízes para o português pode indicar, ele aponta para pessoas que agiam, principalmente, como libertadores. Isto pode ser visto em 2.16 onde está escrito: "Mas o SENHOR levantou juízes (*shôftîm* - µyfip]/v) que os livra-ram das mãos dos saqueadores".

Em 3.9, ainda que utilizando-se outra palavra, também aparece Otoniel como libertador. Assim diz o texto: "Mas, quando os israelitas clamaram ao SENHOR, este levantou-lhes um libertador (*môshîa'* – [æyvi/m) que os livrou: Otoniel, filho de Quenaz, irmão mais novo de Calebe." Sendo assim, baseado nos personagens principais que agiam mais como comandantes de exércitos de libertação do que árbitros judiciais, pode-se dizer que o título "Libertadores" estaria mais adequado a este livro.

3.2. A Autoria do Livro

Também este livro é de autoria desconhecida. Ainda que a tradição judaica preservada no Talmude afirme que Samuel é o seu autor o conteúdo do livro em si aponta para outra pessoa. Não dá, por exemplo, para conciliar a visão favorável do autor do livro em relação à monarquia em Juízes, com a reprovação clara de Samuel em relação a este assunto (1Sm 8). Veja, Juízes 17.6, como que lamentando a falta de um rei na época dos Juízes, diz assim: "Naquela época, não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia certo". Já por outro lado, em 1Samuel 8, pelo contrário, lamenta que o povo tenha pedido um rei. Veja parte deste capítulo como segue:

> 1 Quando Samuel envelheceu, designou seus filhos como juízes de Israel.
>
> 2 Seu filho primogênito chamava-se Joel, e o segundo Abias. Eles julgavam em Berseba.
>
> 3 Porém seus filhos não andaram nos caminhos dele, mas se tornaram gananciosos; recebiam suborno e pervertiam a justiça.
>
> 4 Então todos os anciãos de Israel se reuniram e foram encontrar-se com Samuel em Ramá; 5 e lhe disseram: "Tu já estas velho, e teus filhos não andam nos teus caminhos. Constitui-nos agora um rei para nos julgar, como o têm todas as nações.
>
> 6 Mas Samuel não se agradou quando disseram: Dá-nos um rei para nos julgar. Então Samuel orou ao SENHOR.
>
> 7 E o SENHOR disse a Samuel: Atende ao povo em tudo quanto te pedir, pois não é a ti que rejeita, mas a mim, para que eu não reine sobre eles.
>
> 8 Assim como fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até o dia de hoje: eles me abandonaram e cultuaram a outros deuses. Assim também fizeram a ti.
>
> 9 Atende-os agora e declara-lhes quais serão os direitos do rei que reinará sobre eles (1Sm 8.1-9).

3.3. A Data do Livro

Alguns têm sugerido uma data depois do exílio babilônico para o Livro de Juízes. Os que fazem isto tomam como referência o texto de 18.30 que, em algumas versões para indicar que o povo foi

levado para o cativeiro, como, por exemplo, a Versão Almeida Século 21 que diz: “Os homens de Dã levantaram para si aquela imagem esculpida, e Jônatas, filho de Gérson, neto de Moisés, e seus filhos foram sacerdotes da tribo de Dã até a ida do povo para o cativeiro”. Contudo, é bom lembrar que o texto hebraico não fala em povo sendo levado para o cativeiro, utiliza sim, a expressão “até o dia do cativeiro da terra” (*‘ad yôm gelôt ha’arets* - r,a;h; t/lG] µ/yAd[æ), a qual, na opinião de Clyde Francisco, pode ser uma referência ao cativeiro da época de Eli, quando os filisteus levaram a Arca da Aliança para o cativeiro ou, ainda, qualquer outro período no qual invasores tenham dominado partes do território de Israel.[Nota 7]

Levando-se em consideração o conteúdo da obra a data provável do livro deve se encaixar na época do reinado de Saul.

No livro aparece a expressão “naquele época, não havia rei em Israel...” (17.6), o que indica que por ocasião da escrita do Livro de Juízes já havia. Por outro lado, nota-se que Jerusalém ainda era habitada pelos Jebuseus, o que aponta para uma data antes do período áureo do rei Davi, que conquistou esta cidade. Veja o que diz Juízes 1.21: “Mas os filhos de Benjamim não expulsaram os jebuseus que habitavam em Jerusalém. Assim, os jebuseus vivem em Jerusalém com os descendentes de Benjamim até o dia de hoje”.

3.4. O Tema Central do Livro

Parece que o autor não tem como objetivo narrar todos os fatos importantes da época. Ele destaca a situação difícil, caótica mesmo, pela qual o povo passava naquele período. Assim, o que fica claro em todas as partes da obra é o seu ensino teológico que pode ser tratado como o tema central do livro: o fracasso de Israel decorre de sua desobediência a Deus.

3.5. Motivos da Não Conquista Total de Canaã

De acordo com Arthur E. Cundall, o livro de Juízes apresenta, ao menos, cinco motivos pelos quais Israel não conquistou completamente a região de Canaã. São eles:

1) Os cananitas possuíam armas superiores “O SENHOR estava com Judá, e assim Judá ocupou a região montanhosa; mas não conseguiu expulsar os habitantes dos vales, pois eles tinham carros de guerra feitos de ferro” (Jz 1.19);

2) Israel estava disposto a fazer alianças com os povos de Canaã

> 1 O anjo do SENHOR subiu de Gilgal a Boquim e disse: Eu vos tirei do Egito e vos trouxe para a terra que prometi a vossos pais com juramento; e vos disse: Nunca desfarei minha aliança convosco.
>
> 2 E vós não fareis aliança com os habitantes desta terra; pelo contrário, derrubareis os seus altares. Mas não obedecestes à minha voz. Por que fizestes isso?

3 Por isso eu disse: Não os expulsarei da vossa presença, mas serão vossos adversários, e os deuses deles serão uma armadilha para vós.

4 Depois que o anjo do SENHOR falou isso a todos os israelitas, o povo chorou em alta voz.

5 Por isso chamaram àquele lugar Boquim e ali ofereceram sacrifícios ao SENHOR (Jz 2.1-5); [Nota 8]

3) Israel pecou e deveria ser punido

"A ira do SENHOR se acendeu contra Israel, e ele disse: Visto que esta nação desfez a aliança que fiz com seus pais e não deu ouvidos à minha voz, não expulsarei mais de diante dela nenhuma das nações que Josué deixou quando morreu" (Jz 2.20-21);

4) Deus utilizou os povos para testar a fidelidade de Israel "Farei isso para pôr Israel à prova, para ver se guardará o caminho do SENHOR e se andará nele como seus pais o fizeram.

Assim, o SENHOR permitiu que aquelas nações ficassem na terra e não as expulsou logo, nem as entregou nas mãos de Josué" (Jz 2.22-23);

"Essas nações ficaram para que os israelitas fossem postos à prova por meio delas, e assim demonstrassem que obedeceriam aos mandamentos que o SENHOR tinha dado aos seus pais, por intermédio de Moisés" (Jz 3.4);

5) Deus deixou nações para que Israel fosse instruído na arte da guerra

1 Estas são as nações que o SENHOR deixou na terra para pôr à prova todos de Israel que não haviam participado de nenhum das guerras de Canaã;

2 (ele fez isso para que as gerações dos israelitas que não haviam participado das guerras anteriores pudessem ser treinados para o combate);

3 Cinco líderes dos filisteus, todos os cananeus, os sidônios e os heveus que habitavam no monte Líbano, desde o monte Baal-Hermom até a entrada de Hamate (Jz 3.1-3).[Nota 9]

Contudo não se pode esquecer que também no livro percebe-se que os problemas surgiram por causa da desobediência de Israel o que resultou em castigo para a nação (Jz 2.14-15). Veja como surgiram os problemas:

1) Não destruíram as nações que Deus mandou (1.19-36);
2) Fizeram alianças com o povo da terra (2.2);
3) Aceitaram casamentos com os povos de Canaã (3.6);
4) Adoraram os deuses dos povos de Canaã (2.13).

3.6. O Esboço Geral de Juízes

O livro pode ser dividido em três partes distintas, com várias outras subdivisões, como segue:

1. A CONQUISTA INCOMPLETA (Prólogo explicativo) (1.1-3.6)

    1.1. As conquistas de Judá e Simeão (1.1-20)
    1.2. As terras não conquistadas (1.21-2.5)
    1.3. A morte dos pioneiros e o afastamento de Yavé (2.6-3.6)

2. A ATUAÇÃO DOS LIBERTADORES (Parte principal) (3.7-16.31)

    2.1. A atuação de Otoniel (3.7-11)
    2.2. A atuação de Eúde (3.12-31)
    2.3. A atuação de Débora e Baraque (4.1-5.31)
    2.4. A atuação de Gideão (6-8)
    2.5. A atuação de Abimeleque (9)
    2.6. A atuação de Tola e Jair (10.1-5)
    2.7. A atuação de Jefté (10.6-12.7)
    2.8. A atuação de Ibsã, Elom e Abdom (12.8-15)
    2.9. A atuação de Sansão (13-16)

3. ANEXOS (17.1-21.25)

    3.1. A migração da tribo de Dã (17-18)
    3.2. A guerra civil contra a tribo de Benjamim (19-21)

3.7. Destaques do Texto e Auxílios Para a Interpretação

Seguindo a ordem do livro aqui serão apresentados alguns destaques do texto de Juízes e alguns itens que auxiliam na interpretação.

3.7.1. A conquista incompleta – Prólogo explicativo (1.1-3.6)

Pelo menos três observações são necessárias nesta parte do livro.

1) A primeira das observações é que o texto como um todo mostra que os israelitas não conseguiram até aquele momento conquistar os povos de Canaã. Ou seja, isto não foi possível na época de Josué nem na época dos juízes.

2) Semelhante ao que havia acontecido com Raabe e sua família, também um outro "traidor" foi salvo por colaborar com Israel. A diferença é que este ato de "perdão" recebe uma certa crítica, ainda que velada, da parte do autor do livro. Ele colocou o relato entre outros que mostram a incapacidade de Israel em destruir os inimigos como haviam recebido ordens divinas para fazer (Jz 1.19-36). Veja o relato sobre este acontecimento em especial em Juízes (1.22-26).

3) A morte de Josué é relatada em 2.6-9. Ela já havia sido relatada em Josué 24.29-31 e aqui é repetida como uma forma de mostrar a continuidade da história.

3.7.2. A atuação dos libertadores – Parte principal (3.7-16.31)

Esta é a parte principal do livro. Ela é marcada por seis episódios (1º – 3.7-11; 2º – 3.12-30; 3º - 4.1-5.31; 4º - 6.1-8.35; 5º – 10.6-12.7; 6º – 13.1-16.31) que possuem a mesma ênfase: **pecado – sofrimento – súplica – livramento**. Neles aparecem atuando os personagens principais, chamados "Juízes". Vejamos algumas informações gerais a respeito de cada um deles.

1) Otniel – Juízes 3.7-11

– Era filho de um irmão de Calebe chamado Quenaz; – Ele livrou Israel da opressão causada pelo desconhecido Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia, que tem sido identificada como sendo Síria; – Este juiz aparece pela primeira vez no Livro de Josué em 15.13-19, em uma história que também é contada no Livro de Juízes, em 1.11-15.

2) Eúde – Juízes 3.15-30

– Era da tribo de Benjamim; – O relato bíblico destaca que ele era canhoto, fato importante para a maneira como ele iria matar Eglon, o rei de Moabe que estava oprimindo Israel; – Era um homem de confiança (v.15), coragem (vs. 16-23) e fé (v.28).

3) Sangar – Juízes 3.31

Apenas um versículo apresenta informações sobre Sangar.

Ele diz: "Depois dele, levantou-se Sangar, filho de Anate, que matou seiscentos filisteus com uma aguilhada de bois; ele também libertou Israel" (Jz 3.31).

– Pouco se sabe sobre Sangar;

– Seu nome não era hebreu;

– O nome da mãe, ou mesmo do pai dele, está ligado a uma região chamada Anate, ou a uma deusa com este nome que era adorada em Canaã;

– Há um pequeno problema de ligação entre os textos de Juízes 3.31 e 4.1. Em 4.1 o texto volta a falar de Eúde e não de Sangar;

– Sangar é mencionado no Cântico de Débora, em Juízes 5.6;

– Não é necessário interpretar a informação de que ele matou seiscentos filisteu como se isto tivesse sido em uma única ocasião.

4) Débora e Baraque – Juízes 4.4-5.32

– Débora foi a única juíza em Israel;

– Ela exercia a função de julgar o povo, como se vê em Juízes 4.4-5, que diz: " Ora, quem julgava Israel naquela época era a profetisa Débora, mulher de Lapidote. Ela se assentava debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim, e os israelitas iam a ela para que julgasse suas questões"; – Baraque foi chamado por Débora para livrar Israel (4.6-8). Ele lutou contra Sísera, comandante das forças de Jabim, chamado rei de Canaã. Jabim levava este título, "Rei de Canaã", por ser, provavelmente, rei da cidade de Hazor, a principal cidade cananita, e por ser o líder de uma liga de cidades-estado na região; – Débora além de juíza e profetiza (4.4), também era poetisa (5.1-31). Seu cântico, que aparece no Livro de Juízes, é considerado um dos cânticos mais antigos da Bíblia.

5) Gideão – Juízes 6-8

– Livrou Israel da opressão dos midianitas;

– Desafiou os deuses (6.25-32); – Provou a Deus e foi provado por Ele (6.36-7.15);

– Após uma grande vitória recebeu o convite para ser rei (8.22-23). Não aceitou o título de rei, mas colocou em um de seus filho o nome de Abimeleque, que significa "meu pai é rei" (8.31);

– Acabou por levar Israel a praticar a idolatria, ao confeccionar um objeto chamado de "estola sacerdotal", que até o momento não está identificado com segurança.

6) Abimeleque – Juízes 9.1-57

– Era filho de Gideão com uma de suas concubinas (9.18);

– Acabou matando 70 (muitos) de seus irmãos (9.5) para assumir o poder em Israel;

– Foi proclamado rei (9.6) e governou durante três anos (9.26) uma pequena parte de Israel. A bíblia só confirma Siquém, Bete-milo, Aruma e Tebes, como estando debaixo de seu poder;

– Não foi um libertador, mas sim um opressor do povo. Creio que, a rigor, não deva então ser classificado como um juiz;

– Acabou sendo morto em batalha quando recebeu uma pedrada na cabeça, desferida por uma mulher (9.50-57).

7) Tolá – Juízes 10.1-2

"Depois de Abimeleque, um homem de Issacar chamado Tolá, filho de Puá, filho de Dodô, levantou-se para libertar Israel.

Ele morava em Samir, na região montanhosa de Efraim. Ele foi juiz de Israel durante vinte e três anos; então, morreu e foi sepultado em Samir" (Jz 10.1-2)

– Tudo o que se sabe deste juiz está nestes dois versículos acima.

8) Jair – Juízes 10.3-5

"Depois dele, levantou-se Jair, de Gileade, que foi juiz de Israel durante vinte e dois anos. Ele teve trinta filhos, que montavam trinta jumentos. E tinham trinta cidades, chamadas cidades de Jair até o dia de hoje, que estão localizadas na terra de Gileade.

Jair morreu e foi sepultado em Camom" (Jz 10.3-5).

– Um antepassado de Jair, de mesmo nome, capturou cidades em Basã (Nm 32.39-42 e Dt 3.14);

– Fora isto o que se sabe dele está nestes versículos.

9) Jefté – Juízes 11-12

– Filho de uma prostituta(11.1);

– Expulso de casa por seus irmãos(11.2);

– Lutou contra Amom;

– Fez um voto insensato;

– Envolveu-se em guerra civil (12.1-7).

É interessante analisar alguns itens a respeito do voto de Jefté, entre eles:

a) Qual foi o voto?

O texto bíblico mostra Jefté prometendo oferecer em holocausto (oferta queimada) o primeiro que saísse de sua casa, ao seu encontro, depois da vitória que ele esperava obter. O texto diz assim: "E Jefté fez o seguinte voto ao SENHOR: Se entregares os amonitas nas minhas mãos, qualquer um que sair da porta da minha casa ao meu encontro, quando eu voltar da vitória sobre os amonitas, será do SENHOR. Eu o oferecerei em holocausto" (Jz 11.30-31).

b) Como Jefté cumpriu o seu voto?

A promessa de Jefté era oferecer em holocausto e o texto bíblico afirma que ele cumpriu o seu voto (Jz 11.39). Depois de um período de dois meses de lamento com as amigas, pedido por ela mesma, a filha de Jefté se colocou à disposição do pai para que o voto fosse cumprido. O texto bíblico não emite nenhuma avaliação a respeito do episódio, apenas informa:

34 Quando Jefté chegou à sua casa em Mispá, sua filha saiu ao seu encontro com danças, ao som de tamborins. E ela era sua única filha; além dela não havia outro filho nem filha.

35 Logo que a viu, ele rasgou as vestes e gritou: Ai de mim, filha minha! Estou muito abatido e tu és a causa da minha desgraça, pois fiz um voto ao SENHOR e não posso voltar atrás.

36 E ela lhe respondeu: Meu pai, se fizeste um voto ao SENHOR, faz comigo o que prometeste, pois o SENHOR te vingou dos teus inimigos, os amonitas.

37 E ela continuou: Concede-me somente dois meses para vagar pelos montes e chorar com as minhas amigas, porque jamais me casarei.

38 Vai, disse ele, e deixou que fosse por dois meses. Então ela se foi com as amigas, e choraram pelos montes, porque jamais se casaria.

39 Ao fim dos dois meses, ela voltou ao seu pai, e ele cumpriu o seu voto para com ela. Assim, ela nunca conheceu um homem intimamente. Disso surgiu o costume em Israel 40 de todo ano as israelitas irem lamentar por quatro dias a filha de Jefté, o gileadita.

Como a atitude de Jefté se mostra absurda para os padrões cristãos, e como no texto aparece uma expressão até certo enigmática que é o "chorar a virgindade", que Almeida Século 21 entendeu como "chorar porque nunca se casaria", muito procuram dar uma interpretação diferente daquela que parece ser a intenção clara do texto, que é o oferecimento da filha de Jefté em holocausto. Como destacou Arthur E. Cundall os comentaristas e historiadores antigos sempre concordaram que Jefté, realmente, sacrificou sua filha por meio do fogo. A partir da Idade média é que, segundo ele, surgiram tentativas erradas, ainda que bem intencionadas, procurando amenizar o significado claro do texto.[Nota 10]

c) Como Jefté deveria ter agido?

Fosse a filha de Jefté, como foi, ou outra pessoa qualquer, a vítima desta decisão insensata de votar em cima da vida de outro, a verdade é que Jefté não deveria ter votado. Não há nenhum indício no texto de que Deus se alegrou por causa deste voto. Na verdade Jefté agiu como alguns idólatras de Canaã e não como um verdadeiro adorador de Yavé.

10) Ibzã – Juízes 12.8-10

"Depois dele, Ibsã, de Belém, foi juiz de Israel. Ele tinha trinta filhos e trinta filhas. Deu suas filhas em casamento a homens de fora do seu clã e trouxe trinta mulheres de fora para casarem com seus filhos. Foi juiz de Israel durante sete anos. Quando morreu, Ibsã foi sepultado em Belém" (Jz 12.8-10).

O que sabemos sobre Ibsã está nestes versículos, pois nenhuma outra parte do Antigo Testamento o menciona. A quantidade de filhos e filhas, trinta filhos e trinta filhas, mais do que literal, aponta para seu poderio. O fato de casá-los com pessoas de fora do clã é um indício de sua atuação política.

Quanto ao lugar onde nasceu e foi sepultado, Belém, segundo Arthur E. Cundall, não deve ser identificada como a Belém de Judá, mas como outra Belém pertencente a Zebulom, citada em Josué 19.15 e situada a cerca de 16 km ao norte de Megido.[Nota 11]

11) Elom – Juízes 12.11-12

"Depois dele, Elom, o zebulonita, foi juiz de Israel durante 10 anos. Ao morrer, Elom, o zebulonita, foi sepultado em Aijalom, na terra de Zebulom" (Jz 12.11-12).

O que sabemos sobre ele está nestes dois versículos. A cidade em que ele foi sepultado, em Zebulom, não deve ser confundida com outra do mesmo nome, melhor conhecida, mas que estava localizada na região de Dã. Os nomes que normalmente têm sido transliterados por Elom e Aijalom têm a mesma grafia no hebraico original, sem as vogais, como era costume escrever no período do Antigo Testamento. Assim, também há a possibilidade da cidade e do juiz terem o mesmo nome.

12) Abdom – Juízes 12.13-15

"Depois dele, Abdom, filho de Hilel, o piratonita, julgou Israel. Ele teve quarenta filhos e trinta netos, que montavam setenta jumentos. Foi Juiz de Israel durante oito anos. Quando Abdom, filho de Hilel, o piratonita, morreu, foi sepultado em Piratom, na terra de Efraim, na região montanhosa dos amalequitas" (Jz 12.13-15).

O que sabemos sobre ele está nestes três versículos. Aqui também a quantidade de filhos e netos deve ser entendida mais como uma demonstração do poder de Abdom do que literalmente.

13) Sansão – Juízes 13-16

– É o último juiz a aparecer no Livro de Juízes;

– Alguns não o consideram como juiz, pois não atuou como árbitro judicial e também não livrou Israel de nenhum poder inimigo. Além disso, nunca liderou um exército;

– Entre os seus muitos feitos decorrentes da força que possuía está o de matar um leão. Ele o rasgou como se rasga um cabrito, ou seja, tomou-o pelas pernas e o partiu, como era feito com cabritos. Feitos semelhantes a este, envolvendo a morte de um leão causada por uma pessoa desarmada, são atribuídos a vários heróis míticos da antiguidade como: Enkidu, amigo de Gilgamesh, que rasgou um leão ao meio, rasgando-o pelas pernas traseiras; Hércules que estrangulou um destes animais, Polydamas que, também sem armas, matou um leão no monte Olimpo;[Nota 12]

– Ele era Nazireu, consagrado desde o ventre de sua mãe até o dia de sua própria morte (13.5-7), fato este que não levou muito a sério;

– Sua grande força era atribuída ao Espírito de Yavé (14.6);

– O Espírito de Yavé se retirou dele quando foi quebrado o último resquício do seu voto de

Nazireu (Quando foi cortado o seu cabelo) – (16.20);

– Atuou em Israel, desafiando os filisteus, durante 20 anos (15.20 e 16.31).

3.7.3. Anexos do Livro de Juízes (17-21)

Os dois anexos ao Livro de Juízes, a migração da tribo de Dã e a guerra civil contra a tribo de Benjamim, bem mostram o nível do pecado nacional naquela época.

a) A migração da tribo de Dã - (Juízes 17-18) O destaque principal desta parte é a idolatria praticada como se fosse normal. Mica fabrica alguns ídolos, um levita aceita ser sacerdote do culto idólatra e, mais tarde, uma tribo toda, a tribo de Dã, passa a adorar estes deuses.

b) A Guerra civil Contra a Tribo de Benjamim – (Juízes 19-21)

Uma grande injustiça foi cometida e os membros da tribo de Benjamim, de onde eram os infratores, preferiram fazer guerra contra as demais tribos do que praticar a justiça castigando seus membros culpados.

Tudo isto mostra o caos que imperava naquela época em que não havia rei em Israel. Realmente, cada um fazia o que achava melhor, gerando uma grande confusão.

Notas

Nota 7 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Velho Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.76. [Voltar]

Nota 8 - A Almeida Século 21 informa em nota de rodapé que a palavra Boquim significa pranteadores. A passagem, então, acaba sendo uma explicação a respeito de como surgiu o nome daquele lugar. [Voltar]

Nota 9 - CUNDALL, A. E. MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.25. [Voltar]

Nota 10 - CUNDALL, A. E. MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.142. [Voltar]

Nota 11 - CUNDALL, A. E, MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.146. [Voltar]

Nota 12 - CUNDALL, A. E, MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.156, 157. [Voltar]

4.

O LIVRO DE RUTE

A história narrada no Livro de Rute, de acordo com a informação encontrada no próprio livro, já em seu primeiro versículo, também é do Período dos Juízes. O livro inicia dizendo: "Na época em que os juízes governavam, houve fome na terra..." (Rt 1.1).

Mas, ainda que os acontecimentos sejam do mesmo período, o Livro de Rute tem uma perspectiva muito diferente daquele quadro de caos geral pintado em Juízes, ele é uma amostra de que nem tudo estava perdido em Israel naquele tempo. Ainda havia pessoas boas e interessadas em justiça.

4.1. O Nome do Livro

Três personagens se destacam no livro: Noemi, Rute e Boaz, mas não há dúvidas de que Rute, uma estrangeira moabita, é a principal. Tanto é assim que o livro leva seu nome. Como ponto de destaque deve ser levado em consideração, ainda, que Rute, como mulher, faz dupla com Ester como nome de livro na Bíblia Hebraica. Apenas estas duas são honradas desta maneira. Talvez, o fato de ela ter sido avó do famoso rei Davi tenha contribuído para isto.

4.2. A Autoria do Livro

Ainda que a tradição judaica, de acordo com o Talmude, atribua a autoria do Livro de Rute a Samuel, não há no livro nenhum indício seguro de que isto seja verdade. Esta obra, como tantas outras do Antigo Testamento, apresenta-se como anônima, o que abre portas para a especulação. Por exemplo, como nos informa Raymond B. Dillard, a estudiosa N. M. Tischeler, ainda que admita que homens possam escrever de forma empática, o que não permite que sua hipótese seja verificada com segurança, propõe que não seria um escritor, mas uma escritora, quem escreveu o Livro de Rute, pois, segundo ela, é possível perceber no texto algumas preocupações femininas.[Nota 13] A proposta até que é interessante, mas não há como provar apenas pela leitura do texto como existe hoje.

4.3. A Data do Livro

Conforme informação do próprio livro a história ocorreu no tempo dos juízes (Rt 1.1). Contudo, a escrita é de um período posterior. Isto pode ser deduzido de alguns textos. Um deles apresenta a explicação de um costume antigo, dizendo: "Antigamente, em Israel, para confirmar qualquer negócio relativo a resgate ou transferência de propriedade, o homem tirava sua sandália e a entregava ao outro. Isso servia como testemunho dos negócios em Israel" (Rt 4.7). O termo "antigamente" remete o autor para bem longe da época dos acontecimentos. Outro texto apresenta a genealogia do filho de Rute, Obede, que vai de Pérez até o rei Davi, com destaque para este. Se Davi aparece no livro é porque a escrita final não foi feita antes de sua época, e como Salomão não é citado nesta genealogia a escrita não deve ter sido realizada muito tempo depois de Davi. O texto diz assim:

> 16 E Noemi pegou o menino, colocou-o no colo e passou a cuidar dele.
> 17 E as vizinhas lhe deram um nome, dizendo: A Noemi nasceu um filho. E chamaram o menino de Obede. Este é o pai de Jessé, pai de Davi.
> 18 Estas são as gerações de Pérez: Pérez gerou Hezrom,
> 19 Hezrom gerou Rão, Rão gerou Aminadabe,
> 20 Aminadabe gerou Nasom, Nasom gerou Salmom,
> 21 Salmom gerou Boaz, Boaz gerou Obede,
> 22 Obede gerou Jessé, e Jessé gerou Davi (Rt 4.16-22).

O Livro de Rute aparece no Cânon Hebraico em sua terceira parte, a chamada de Escritos (*ketûvîm* - µybiWtK]), considerada a mais recente delas.14 Isto tem levado alguns a entenderem que a obra é pós exílica. Contudo, esta questão da data do livro é mesmo assunto controvertido o que se verifica pelas propostas dos estudiosos do tema que vão desde o início da monarquia até o período pós exílico.[Nota 15]

4.4. Possíveis Propósitos do Livro

A questão do propósito do Livro de Rute também tem gerado muitos debates e pouco consenso. Raymond B. Dillard, por exemplo, acha que a melhor opinião é a que defende que o livro tem um propósito político, o de conseguir a aceitação popular para o governo do Rei Davi.[Nota 16] Leon Morris apresenta quatro sugestões, que ele mesmo descarta, que são: 1) Universalismo, com a intenção de combater as tendências exclusivistas que prevaleciam no meio do povo de Israel; 2) Amizade, destacando-se a boa convivência e a preocupação de uns pelos outros no decorrer da história narrada; 3) Genealogia de Davi, o que supriria uma lacuna que foi deixada no Livro de 1 Samuel; e 4) Casamento por levirato, defendendo a causa das viúvas sem filhos. Depois destas quatro ele apresenta a sua opinião própria: Soberania de Deus, que governa tudo e abençoa aqueles que lhe são fiéis.[Nota 17]

A maioria dos estudiosos, com pequenas diferenças nos detalhes, opina que o propósito seja um dos que seguem na lista abaixo: .

1) Demonstrar a genealogia de Davi;
2) Defender o casamento misto contra a severidade de Esdras e Neemias (Neste caso o escrito

seria pós exílico);
3) Exortar Israel a cumprir a Lei do Resgatador;
4) Preservar uma boa história da época dos juízes;
5) Entreter os leitores.

4.5. Possíveis Significados dos Nomes dos Personagens

Ainda que a questão dos significados dos nomes dos personagens do livro não seja assunto de plena concordância entre os eruditos é interessante observar algumas das possibilidades, pois alguns deles, se não todos, parecem ter relação direta com o conteúdo da história narrada. Vejamos os nomes no hebraico, as transliterações deles, e algumas sugestões de significados, principalmente aquelas que Joyce Every-Clayton apresenta em seu comentário.[Nota 18]

Elimeleque (*'elîmelek* - Ël,m,yliaÖ) = Meu Deus é Rei (É uma afirmação do senhorio de Deus, tema que percorre todo o livro).

Noemi (*na'omî* - ymi[un;) = Agradável, Linda ou Graciosa.

Talvez possa significar, ainda, "Alegria" (Ironicamente, Noemi é alguém que se queixa muito no decorrer da narrativa, inclusive, achando que deve ser chamada de Amarga (1.20-21).

Mara (*mara'* – ar;m;) = Amarga (Era assim que Noemi se sentia depois de ter sofrido com a perda de tudo o que tinha).

Malom (*mahlôn* – ˆ/lj]mæ) = Estéril, Doentio, Fraco (Com certeza não é um nome comum para se dar a um filho).

Quiliom (*kilyôn* – ˆ/yl]ki) = Fraqueza (Semelhante a Malom este nome tem um significado bastante negativo. Não é fácil de imaginar que, literalmente, pais atribuam nome como este a algum filho).

Rute (*rût* – tWr) = Nome que sugere "refrescar" ou "consolar", ou ainda "Amiga" (Rute é aquela que mostra amizade sem limites à sua sogra e que serve de refrigério e consolo para a amargurada Noemi – Seu nome só aparece neste livro no Antigo Testamento, talvez isto acontece porque ela era Moabita).

Orfa (*'orpâ* – hp;r][;) = Nuca (Não está claro o significado deste nome, mas pode estar indicando uma característica negativa, em contraste com a positiva do nome de Rute – Talvez esteja ligado ao fato dela ter dado as costas à sua sogra e voltado para seu povo – Every Claiton diz que o nome Orfa tem ligação com a palavra nuca "e assim pode sugerir 'obstinação' ou ainda, 'aquela que dá as costas, que desiste'[Nota 19]).

Boaz (*bo'az* – z[æBo) = Valente, Nele Há Força (Seu significado não é totalmente certo mas, como se vê, pode estar ligado ao termo força. Já foi levantada a ideia que este nome é formado por

duas palavras que poderiam ser traduzidas por “Filho da Força”).

Obede (*ʿôbed* – db/[) = Servo (Every-Clayton destaca que “esse nome não deixa de reforçar a função de Obede, cumpridor do dever para com Noemi e para com Deus; mas serve também para recordar todo o serviço filial de Rute ao longo dos anos, serviço prestado a Noemi, Boaz e Israel”[Nota 20]).

4.6. As Leis do Levirato e do Remidor

Estas duas leis aparecem no Livro de Rute, um tanto quanto misturadas, ainda que com algumas diferenças de quando utilizadas em outras partes da Bíblia. É importante entender do que se trata para que se possa ter uma boa interpretação do livro. Então vejamos!

4.6.1. A Lei do Levirato

Esta era a lei que obrigava o irmão do falecido casar com a mulher que ficou viuva sem ter filhos. Veja os detalhes a respeito dela em Deuteronômio 25.5-10. Ela aparece pela primeira vez na Bíblia em Gênesis 38. Em Gn 38.8 parece que há um indício de que a lei ia além do irmão, pois, no caso, como bem observa David Atkinson, Tamar tinha por certo que o sogro também deveria cumprir esta lei para com ela.[Nota 21] Já em Rute nota-se que a obrigação de casar com a viuva se estendia também a outros parentes, no caso para o resgatador. Veja o que diz em 4.4-6, onde Boaz e o resgatador negociam o resgate de Noemi e Rute:

> 3 Então, ele disse ao resgatador: Noemi, que voltou da terra dos moabitas, vendeu a parte da terra que pertencia a Elimeleque, nosso parente.
>
> 4 Resolvi informar-te disso e dizer-te: Adquire-a na presença dos que estão sentados aqui, na presença dos líderes do povo. Se quiseres resgatá-la, resgata-a. Se não, diz-me, para que eu o saiba, pois não existe outro além de ti com esse direito e, depois de ti, só eu. Então ele respondeu: Eu a resgatarei.
>
> 5 Porém Boaz disse: No dia em que adquirires as terras de Noemi, também estarás adquirindo como esposa Rute, a moabita, que foi mulher do falecido, para preservar o nome dele na sua herança.
>
> 6 Então o resgatador respondeu: Não poderei resgatá-la, para que não prejudique a minha propriedade. Exerce tu o meu direito de resgatador, porque não posso fazê-lo.

O principal motivo desta lei era providenciar descendência ao falecido. O primeiro filho a nascer da nova relação “seria” do falecido para que ele continuasse a existir na descendência. Com certeza, ela também era muito útil para o amparo da viuva que, sem filhos, nem marido, estaria em uma situação social bastante difícil.

A negociação entre Boaz e o outro resgatador termina quando o resgatador tira sua sandália e

entrega para Boaz. É bom destacar que, ainda que este gesto seja semelhante ao que deveria ser realizado quando um irmão se negasse ao seu dever de cunhado, neste caso, não se vê nele nada de infamante. Como diz Roland De Vaux "o ato de descalçar-se, Rt 4.7,8, significa o abandono de um direito, como o gesto análogo na lei do levirato, Dt 25.9. Contudo, nesse último caso, o procedimento tem um caráter infamante",[Nota 22] o que não ocorre em Rute.

4.6.2. A Lei do Remidor ou Resgatador

O remidor era o parente mais próximo que tinha as seguintes obrigações:

1) Evitar que a propriedade da família passasse para outras pessoas (Lv 25.25-28 – Esta redenção é a enfatizada em Rute 4);

2) Libertar o parente que por problemas de dívidas se tornou escravo (Lv 25.47-49);

3) Vingar a morte de um parente que tenha sido assassinado (Nm 35.16ss)

Obs.: A lei do resgatador, ou remidor, desenvolvia a solidariedade familiar e lembrava a responsabilidade coletiva. Boaz era um dos possíveis remidores, como se observa em Rute 2.20, 3.9, 3.12, 4.1 e 4.4. O texto de 4.4 já foi citado acima, veja o que dizem os demais:

> "E Noemi disse à sua nora: Seja ele abençoado pelo SENHOR, que não nos deixou de mostrar benevolência nem para com os vivos nem para com os mortos. Noemi ainda lhe disse: Esse homem é parente nosso, um dos nossos resgatadores" (Rt 2.20).
>
> "Então perguntou: Quem és tu? Ao que ela respondeu: Sou Rute, tua serva; casa-te com a tua serva, pois tu és o resgatador" (Rt 3.9).
>
> "É verdade que eu sou o resgatador, mas há outro mais próximo do que eu" (Rt 3.12).
>
> "Então, Boaz foi até a porta e sentou-se ali. Quando o resgatador de quem havia falado ia passando, Boaz lhe disse: Vem cá, senta-te aqui. Ele foi e sentou-se" (Rt 4.1).

4.7. Bênçãos no Livro de Rute

Um dos destaques do Livro de Rute é a grande quantidade de bênçãos que são proferidas no decorrer da história. Em todos os capítulos aparece a utilização de bênçãos, o que bem demonstra o clima espiritual reinante entre os personagens do livro. Veja onde elas estão registradas:

> 1.8 O SENHOR seja bondoso convosco... (Noemi falando)
>
> 1.9 Queira o SENHOR que cada uma de vós encontre segurança na casa de outro marido... (Noemi falando)
>
> 2.4 O SENHOR esteja convosco... (Boaz falando)

2.4 O SENHOR te abençoe... (Servos de Boaz falando)

2.12 Que o SENHOR recompense o que fizeste, que recebas grande recompensa do SENHOR Deus de Israel... (Boaz falando)

2.19 Bendito seja aquele que se importou contigo... (Noemi falando)

2.20 Seja ele abençoado pelo SENHOR... (Noemi falando)

3.10 O SENHOR te abençoe minha filha... (Boaz falando)

4.11 Que o SENHOR faça com esta mulher... como fez com Raquel e Lia... (Povo falando)

4.12 Que tua família seja como a de Perez, que Tamar deu a Judá... (Povo falando)

4.14 Bendito seja o SENHOR... (Amigas de Noemi falando)

4.8. O Esboço Geral do Livro de Rute

Cinco partes principais mais algumas subdivisões marcam o esboço do livro. A simples observação das divisões principais já mostra a beleza da trama que começa com tragédia e termina em vitória. São elas:

1. A TRAGÉDIA FAMILIAR DE NOEMI (1.1-5)

2. O TRISTE RETORNO PARA JUDÁ (1.6-22)

   2.1. Rute vai com Noemi (1.6-18)

   2.2. Noemi e Rute chegam a Belém (1.19-22)

3. O ENCONTRO COM O RESGATADOR (2.1-3.18)

   3.1. Rute vai trabalhar nos campos de Boaz (2.1-7)

   3.2. Boaz mostra-se bondoso para com Rute (2.8-23)

   3.3. Boaz e Rute encontram-se na eira (3)

4. O RESGATE (4.1-12)

5. O FINAL FELIZ (4.13-22)

   5.1. O Nascimento do filho de Rute (4.13-17)

   5.2. A Genealogia do rei Davi (4.18-22)

4.9. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

1) Belém (*bêt lehem* - µh,l, tyBe), o nome da cidade de onde partiu Elimeleque com sua família para Moabe, é composto por duas palavras hebraicas que significam "casa de pão". Alguns têm chamado a atenção para esta ironia já no início do livro: Houve fome na casa de pão. O livro começa com estas palavras: "Na época em que os juízes governavam, houve fome na terra. Por isso, um homem de Belém de Judá foi morar por um tempo na terra de Moabe, com sua mulher e os dois filhos".

2) O texto de Rute 1.16-17 é uma das partes mais conhecidas do livro. Muitas vezes ele é utilizado em cerimônias de casamento enfatizando-se o voto de lealdade que ele contém. Contudo, deve ser lembrado que o voto, no texto, é feito de forma unilateral e de uma mulher para outra, Rute para com sua sogra Noemi.

O texto destaca, também, o valor do juramento em Israel.

Noemi estava insistindo para que Rute voltasse para o seu povo, como sua concunhada já havia resolvido fazer, mas quando Rute, lançando mão de um juramento promete que não se separará de sua sogra, Noemi deixa de insistir, pois sabia que nada mais poderia ser feito sem que Rute sofresse as consequências de seu voto.

Rute disse assim:

> ...Não insistas comigo para que te abandone e deixe de seguir-te. Pois aonde quer que fores, irei também; e onde quer que ficares, ali ficarei. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus será o meu Deus. Onde quer que morreres, ali também morrerei e serei sepultada. Que o SENHOR me castigue, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti! (Rt 1.16-17).

E o narrador informa, depois disso: "Quando Noemi viu que Rute estava inteiramente decidida a ir com ela, não se opôs mais. Assim, as duas prosseguiram e chegaram a Belém" (Rt 1.18-19a).

3) O Capítulo 2 do Livro de Rute mostra na prática como era seguida a lei que permitia aos pobres colher, para eles mesmos, nos campos dos ricos. As leis aparecem em Levítico 19.9-10, 23.22; e Deuteronômio 24.19-22. Isto era uma providência divina para amenizar a situação de dificuldade dos pobres, em especial dos estrangeiros, órfãos e viúvas, pessoas marginalizadas.

4) Rute em sua primeira incursão no campo de Boaz, para colher sevada, conseguiu colher quase um efa (Rt 2.17). Efa era uma medida para secos que possuía uma capacidade aproximada de 20 litros.

5) A forma como Rute agiu, pedindo Boaz em casamento, ou pedindo que ele a pedisse em casamento, tem levado alguns a pensarem que houve alguma imoralidade no ocorrido. Pelo menos três pontos podem apontar para isto:

1) A forma como ela se preparou "Agora lava-te, perfuma-te, veste tua melhor roupa e desce para a

eira. Mas não permitas que ele te veja, até que tenha acabado de comer e beber" (Rt 3.3);

2) O lugar da conversa "E quando ele for dormir, observa o lugar em que se deitar. Depois entrarás, descobrirás os pés dele e te deitarás. Ele te dirá o que deves fazer" (Rt 3.4);

3) O possível eufemismo para "descobrir os pés" (Rt 3.4). Pés pode ser utilizado como um eufemismo para o órgão sexual.

Contudo, ainda que o texto seja bastante estranho para os padrões atuais, não se pode afirmar que houve imoralidade. Deve ser levado em consideração que a história não ficou apenas entre Rute, Noemi e Boaz, tanto é que entrou no livro. Se Boaz e Rute, na ocasião, tivessem mantido relações sexuais teriam cometido adultério, pois Boaz sabia, e provavelmente também Rute, que havia outro homem que tinha o direito de casar com ela (Rt 3.12).

O clima espiritual da conversa entre Boaz e Rute também deve ser levado em consideração na interpretação desta passagem.

a) Boaz abençoou Rute

"Então ele disse: O SENHOR te abençoe, minha filha. Com este gesto mostraste bondade maior do que antes, pois não foste atrás dos mais jovens, sejam ricos, sejam pobres"(Rt 3.10);

b) Boaz elogiou as virtudes de Rute

"Agora não temas, minha filha; pois te farei tudo quanto me pedires. Toda a cidade do meu povo sabe que tu és mulher virtuosa" (Rt 3.11);

c) Boaz faz um juramento em nome de Yavé

"Fica aqui esta noite. Se de manhã ele quiser assumir o seu papel de resgatador, que o faça. Se não quiser, juro pelo nome do SENHOR, eu o farei. Deita-te até pela manhã" (Rt 3.13).

6) A forma como Rute convida Boaz a pedir-lhe em casamento, no hebraico, é expressa por uma figura de linguagem que, literalmente, poderia ser traduzida por "estende a tua capa sobre a tua serva" ou, ainda, "estende a tua asa sobre a tua serva". Seja capa, ou seja, asa, o importante é perceber que se trata de uma figura que representa um pedido de casamento. Por isso a Século 21 traduziu assim: "casa-te com a tua serva" (3.9).

7) A porta da cidade era o local onde se reuniam os juízes e o povo em geral para tomarem decisões importantes em conjunto. Boaz foi à porta da cidade e reuniu um grupo de anciãos para que testemunhassem da negociação que ele faria com o outro possível resgatador de Noemi e Rute. A negociação feita diante destes juízes e testemunhas estava garantida. Não se sabe se o número de dez homens tem algum significado especial, mas, de acordo com Leon Morris, "O Midrash Rabbah considera esta passagem como fornecendo justificativa para dez homens 'na bênção do noivo'[Nota 23] (Rt 4.1-2,11-12).

Notas

Nota 13 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.127. [Voltar]

Nota 14 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.126. [Voltar]

Nota 15 - LASOR, William. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.569. [Voltar]

Nota 16 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.127. [Voltar]

Nota 17 - MORRIS, Leon. Rute: introdução e comentário. In: CUNDALL, A. E, MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.224-226. [Voltar]

Nota 18 - EVERY-CLAITON, Joyce Elizabeth W. Rute. Curitiba e Belo Horizonte: Missão Editora e Encontrão Editora, 1993, p.14-16, 34. [Voltar]

Nota 19 - EVERY-CLAITON, Joyce Elizabeth W. Rute. Curitiba e Belo Horizonte: Missão Editora e Encontrão Editora, 1993, p.16. [Voltar]

Nota 20 - EVERY-CLAITON, Joyce Elizabeth W. Rute. Curitiba e Belo Horizonte: Missão Editora e Encontrão Editora, 1993, p.81 [Voltar]

Nota 21 - ATKINSON, David. A Mensagem de Rute. São Paulo: ABU, 1991, p.91. [Voltar]

Nota 22 - DE VAUX, Roland. Instituições de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 44. [Voltar]

Nota 23 - MORRIS, Leon. Rute: introdução e comentário. In: CUNDALL, A. E, MORRIS, L. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992, p.282. [Voltar]

5.

OS LIVROS DE 1 E 2 SAMUEL

Os livros 1 e 2 Samuel testemunham de uma época de transição, quando Israel deixa de ser uma teocracia e passa para uma monarquia, semelhante aos países vizinhos. Eles narram, acima de tudo, as histórias de três pessoas muito importantes para a história de Israel: Samuel, o último Juiz; Saul, o primeiro rei; e Davi, o rei que fundou uma dinastia que sobreviveria no poder até o último momento da existência da monarquia. Assim, na época dos acontecimentos narrados nestes dois livros, Israel estava deixando o período conhecido como "Período dos Juízes" e iniciando o "Período Monárquico", que duraria até o chamado Cativeiro Babilônico.

Trataremos destes livros como um bloco, pois realmente eles formam uma unidade completa. Veremos algumas das questões introdutórias fundamentais, apresentaremos sugestões para um esboço geral e, também, alguns pontos que podem auxiliar na melhor interpretação de seu conteúdo.

5.1. Os Nomes dos Livros

Os livros atualmente conhecidos como 1 e 2 Samuel, originalmente, formavam apenas um livro que aparece dividido em dois, pela primeira vez, na LXX, ligados com os atuais 1 e 2 Reis.

Talvez a divisão tenha sido feita por causa da grande extensão do texto.[Nota 24] Na LXX, este conjunto hoje conhecido como 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, recebe os nomes de I, II, III e IV Livros dos Reinos, e na Vulgata são chamados de I, II, III e IV Livros dos Reis. Na Bíblia Hebraica, por exemplo, como aparece na Bíblia Hebraica Stuttgartensia, ainda que os dois sejam identificados como "Samuel a" e "Samuel b", o nome do heroi nacional Samuel seguido das duas primeiras letras do Alfabeto Hebraico, dividindo-os em duas partes, não possuem nenhuma marca digna de divisão do conteúdo.

Um segue imediatamente ao outro, apenas mudando a numeração dos capítulos para facilitar o seu manuseio. Ou seja, o texto segue normal do capítulo 1-31 e, sem anúncios de mudanças, continua, normalmente, na segunda parte, de 1-24, sem interrupções.

Também é bom destacar que na Bíblia Hebraica Stuttgartensia, em uma nota à margem do texto de 1 Samuel 28.24,[Nota 25] aparece uma informação dando conta de que ali se encontra o meio do livro. Ela diz, literalmente, "a metade do livro, de acordo com os versículos"[Nota 26] (*hasî hasseper bapsûqîm* - µyqwspb rpsh yxh).

5.2. A Autoria e as Fontes Utilizadas

A tradição judaica aponta para Samuel como o autor desses livros, mas basta uma leitura superficial para se perceber a incoerência disto. Afinal, o nascimento de Samuel é apresentado no primeiro capítulo de 1 Samuel e sua morte no mesmo livro, onde está escrito: "Samuel faleceu, e todo o Israel se ajuntou e chorou por ele. Eles o sepultaram na cidade onde morava, em Ramá..." (1Sm 25.1). A autoria continua desconhecida.

O autor, entre outras, para a escrita final, pode ter consultado as seguintes fontes:

1) Narrativas de Samuel, Natã e Gade (1Cr 29.29);
2) As Crônicas de Davi (1Cr 27.24);
3) O Caráter do Reino, escrito por Samuel (1Sm 10.25);
4) O Livro de Jasar, também conhecido como o Livro dos Justos (2Sm 1.18);
5) Tradição oral.

5.3. A Data dos Livros

Assim como outros livros do Antigo Testamento também este (1 e 2 Samuel) parece ter sido escrito muito tempo depois dos acontecimentos. Ao menos em sua forma final. Isto pode ser defendido observando-se os seguintes pontos:

1) Explicação de termos arcaicos

"Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ao vidente; porque naquela época o profeta se chamava vidente" (1Sm 9.9);

2) Referência a costumes fora de uso

"Ela vestia uma túnica longa, por que assim se vestiam as filhas virgens dos reis..." (2Sm 13.18a); "Então ela falou: Antigamente costumava-se dizer: Peça-se conselho em Abel; e era assim que se resolviam as questões"(2Sm 20.18);

3) A utilização da fórmula "até o dia de hoje"

"Por isso, até o dia de hoje, nem os sacerdotes de Dagom, nem todos os que entram no templo de Dagom em Asdode, pisam na soleira de Dagom" (1Sm 5.5);

Assim como os ratos de ouro, de acordo com o número de todas as cidades dos filisteus,

pertencentes aos cinco chefes, desde as cidades fortificadas até os povoados campestres. A grande pedra sobre a qual puseram a arca do SENHOR é testemunha disso, pedra que ainda está até o dia de hoje no campo de Josué, em Bete-Semes (1Sm 6.18)

"Os beerotitas haviam fugido para Gitaim, onde habitam até o dia de hoje" (2Sm 4.3)

4) Referência aos reis de Judá

"Então Áquis lhe deu naquele dia a cidade de Ziclague; por isso Ziclague pertence aos reis de Judá, até o dia de hoje" (1Sm 27.6).

Observando-se estes pontos é possível concluir que a escrita final ocorreu após a divisão do Reino, porém antes da queda de Samaria sob o poder assírio, pois não há nenhum indício deste acontecimento.

5.4. O Propósito

O propósito do conjunto atualmente chamado de 1 e 2 Samuel, na opinião de Archer Jr. é registrar o início da monarquia, mostrando as carreiras de Samuel, o fundador da monarquia, de Saul, o rei tirano e infiel, e de Davi, o rei ideal e verdadeiramente teocrático.[Nota 27]

5.5. O Esboço Geral dos Livros de 1 e 2 Samuel

Uma das formas de se esboçar o conjunto 1 e 2 Samuel é dividindo suas partes pelos personagens principais. A divisão ficaria assim:

1) Samuel como o principal (1Sm 1-7);
2) Saul como o principal (1Sm 8-15);
3) Davi como o principal (Apesar de Saul ainda estar reinando) (1Sm 16-31);
4) Ainda Davi como o principal (Uma apresentação da trajetória de Davi como rei - Todo o livro de 2 Samuel.

Uma outra maneira de esboçar o conjunto é a tradicional dividindo-o em períodos conforme o seu conteúdo.

1. UMA CONCLUSÃO DO PERÍODO DOS JUÍZES (1Sm 1-7)

1.1. A infância de Samuel (1Sm 1.1-4.1a)
1.2. Eli como juiz e a perda da Arca (1Sm 4.1b-7.1)
1.3. Samuel como juiz (1Sm 7.2-17)

2. A FUNDAÇÃO DA MONARQUIA (1Sm 8-31)

2.1. A escolha do primeiro rei (1Sm 8-10)

2.2. O Reinado de Saul até ser rejeitado (1Sm 11-15)
2.3. O Declínio de Saul e a elevação de Davi (1Sm 16-31)

3. O REINADO DE DAVI SOBRE JUDÁ (2Sm 1-4)

4. O REINADO DE DAVI SOBRE JUDÁ E ISRAEL, ATÉ SEUPECADO CONTRA URIAS (2Sm 5-11)

5. VÁRIAS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR DAVI DEPOIS DO PECADO CONTRA URIAS (2Sm 12-20)

5.1. A Morte do filho de Davi e Bat-Seba(2Sm 12)
5.2. O Pecado e a morte de Amnom, filho de Davi(2Sm 13)
5.3. A Rebelião contra Davi liderada por Absalão (2Sm 14-19)
5.4. A Rebelião contra Davi liderada por Seba(2Sm 20)

6. ACONTECIMENTOS E RELATOS PERTENCENTES A VÁRIAS ÉPOCAS (2Sm 21-24)

6.1. A Vingança dos Gibeonitas (2Sm 21.1-14)
6.2. Os Gigantes mortos pelos soldados de Davi (2Sm 21.15-22)
6.3. Salmo de agradecimento da parte de Davi (2Sm 22)
6.4. Cântico com as últimas palavras de Davi (2Sm 23.1-7)
6.5. Relação dos heróis que trabalharam para Davi (2Sm 23:8-39)
6.6. O Problema causado pelo censo (2Sm 24)

5.6. Destaques que Ajudam na Interpretação dos Livros

Seria impossível tratar aqui de todas as particularidades que aparecem no texto de 1 e 2 Samuel. Isto deve ficar para os comentários especializados. Neste ponto veremos, então, apenas alguns dos textos que normalmente apresentam dificuldades para a interpretação.

1) O Significado de "Ebenézer" em 1 Samuel 7.5-13

Este é um texto que muitos têm interpretado de forma errada por causa da leitura sem atenção. É normal ouvir nas igrejas que "Ebenézer" significa "até aqui nos ajudou o Senhor", quando o texto em si não aponta para este significado. Samuel separou uma pedra, deu-lhe um nome (Ebenézer), e declarou: "Até aqui nos ajudou o Senhor" (1Sm 7.12), mas não disse que o significado de Ebenézer é "até aqui nos ajudou o Senhor".

O que temos no texto original não é uma palavra (Ebenézer), mas duas palavras distintas, que acabaram sendo transliteradas como apenas uma para o português. As palavras são: *'eben* (ˆb,a, - pedra) e *'ezer* (rz,[, - ajuda). Elas aparecem em uma relação de construto e literalmente devem ser traduzidas, e não transliteradas, por "a pedra de ajuda" (*'eben ha'azer* - rz,[;h; ˆb,a,).

Aquela pedra de ajuda deveria ajudar o povo de Israel servindo-lhes de memorial do livramento

que Deus lhes havia dado.

Ao olharem para ela, colocada como um monumento por Samuel, deveriam renovar as forças lembrando que até aquele momento, ou até aquele lugar, Deus os havia ajudado e, provavelmente, continuaria a ajudar.

2) Relação das dificuldades encontradas em 1 Samuel 17

Muitas dificuldades aparecem no relato de 1 Samuel 17.

Entre elas podemos ver as seguintes:

a) Os versículos 12-15 parecem estar fora de lugar;

b) O v.15 informa que Davi ia a Saul e voltava, mas o restante do capítulo mostra que Saul não conhecia Davi. Em 17.15 diz: "mas Davi ia até Saul e voltava para cuidar das ovelhas de seu pai em Belém", já em 17.58 temos o seguinte: "Saul lhe perguntou: Jovem, de quem és filho? Davi respondeu: Sou filho de teu servo Jessé, belemita".

c) O v.40 parece ficar melhor se for seguido, imediatamente, pelo v.49 (Confira);

d) Davi levou a cabeça do gigante filisteu que ele matou para a cidade de Jerusalém, como está escrito em 17.54a: "Davi tomou a cabeça do filisteu e levou para Jerusalém...". Mas Jerusalém nesta época era habitada pelos jebuseus, ela só foi conquistada mais tarde, pelo próprio Davi;

e) Davi, após a luta, colocou as suas armas em sua tenda, como aparece em 17.54b: "mas guardou as armas dele na sua tenda". Pode-se levantar as perguntas: Davi precisava de tenda? Ele não foi até o campo de batalhas apenas para ver como seus irmãos estavam?;

f) Segundo os vs.55-58 Saul não conhecia a Davi, mas no capítulo anterior deste livro (16.18-23), está registrado que Davi tocava harpa para Saul em suas crises mentais e que Saul o amou muito e chegou a nomeá-lo seu escudeiro. O texto diz: "Assim Davi veio e se apresentou a Saul, que se agradou muito dele e o fez seu escudeiro" 1Sm 16.21).

Como harmonizar estas diferenças e dificuldades? Muito já foi tentado, mas dois pontos devem ser considerados com muita atenção. Um deles é que os livros de Samuel não estão escritos em ordem cronológica. Outro, o mais importante para este capítulo, é perceber que há nele mais de um relato sobre o ocorrido. Com certeza, muitas versões a respeito da grande vitória de Davi sobre o gigante Golias foram narradas por todo o país, por muito tempo, até que alguém a colocasse por escrito nesta forma final. Ao que parece, o escritor final tinha, ao menos, duas versões um pouco diferentes do ocorrido e procurou harmonizá-las dentro do possível.

O que fica claro mesmo é que Davi, usado por Deus, venceu o gigante e, com isto sua carreira recebeu um grande impulso.

Obs: Quanto a altura de Golias não há muito o que dizer. Ele era um gigante de aproximadamente 3 metros de altura, caso raro, mas não impossível para seres humanos. Em 1999, o homem vivo mais alto do mundo estava medindo 2,72 metros de altura, o que não é tão diferente do Golias.[Nota 28]

Aquilo que está tão claro em 1 Samuel 17, que é o grande feito de Davi matando o gigante Golias, fica obscuro quando lemos o texto de 2 Samuel 21.19. Neste texto aparece a seguinte informação: "Houve mais outra batalha contra os filisteus em Gobe; e Elanã, filho de Jaaré-Oregim, o belemita, matou Golias, o geteu, cuja lança tinha uma haste parecida com lançadeira de tecelão".

Ao que parece este problema foi causado pela troca involuntária entre duas palavras hebraicas muito parecidas na forma, especialmente sem as vogais como eram escritas na época deste livro, mas bem diferentes no significado. São elas: *'et (* tae) e *'ah*. (ja;). A primeira delas apenas indica que a próxima palavra na frase é o objeto direto da oração, a segunda tem o significado de "irmão", e como está no construto com o nome próprio Golias, deve ser traduzida por "o irmão de". Assim, em algum momento da história do texto elas foram trocadas. Onde deveria estar escrito, originalmente, "feriu o irmão (ja) de Golias", acabou sendo escrito "feriu a (ta) Golias".

O texto de 1 Crônicas 20.5, ainda que traga outro nome para o pai de Elanã, deve estar se referindo a este mesmo acontecimento e ajuda a comprovar o que foi dito no parágrafo anterior.

Veja o que ele diz: "Houve outra guerra com os filisteus, e Elanã, filho de Jair, matou Lami, irmão de Golias, o geteu, cuja lança tinha a haste como lança de tecelão".

3) Saul e a vidente em 1 Samuel 28.1-25

Este capítulo é muito complicado. Quando o leitor cristão chega a ele é normal se perguntar: Afinal, Saul falou mesmo com Samuel, que já havia morrido (1Sm 28.3), ou foi enganado pela vidente? É só verificar alguns comentários para perceber que a resposta não é simples. Bons comentaristas têm defendido que Saul conversou com o próprio Samuel enquanto outros, igualmente respeitáveis, têm entendido que tudo não passou de uma farsa por parte da médium.

Os que defendem que Saul, realmente, falou com Samuel têm no texto, entre outros possíveis, os seguintes pontos que lhes dão apoio:

a) O texto afirma que a mulher viu Samuel

"Quando a mulher viu Samuel, gritou em alta voz e disse a Saul: Por que me enganaste? Tu és Saul!" (1Sm 28.13);

b) O texto afirma que Samuel falou com Saul

"Então Samuel disse a Saul: Por que me perturbaste, fazendo-me subir?..." (1Sm 28.15a);

c) O texto apresenta uma previsão de acontecimentos que se realizam na sequência, conforme

descrito no capítulo 31

"E contigo o SENHOR também entregará Israel na mão dos filisteus. Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo, e o SENHOR entregará o acampamento de Israel na mão dos filisteus" (1Sm 28.19);

d) O texto mostra que o autor do livro acreditava que Samuel falou com Saul

"Imediatamente Saul caiu estendido no chão, tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel; e perdeu as forças, pois não havia comido nada o dia inteiro e a noite inteira" (1Sm 28.20).

Os que defendem que tudo não passou de uma farsa encontram, pelo menos, os seguintes apoios, no texto:

a) Saul estava propenso a ser enganado A passagem como um todo mostra que Saul estava totalmente desorientado, fragilizado, desesperado por não ter conseguido a ajuda de Deus e pronto para ouvir o conselho de Samuel que, sem dúvida, ele cria que poderia ter contato com ele.

b) Fica claro no texto que Saul não viu Samuel, ele dependia da intermediação da mulher

"Então o rei lhe disse: Não temas; o que vês? Então a mulher respondeu a Saul: Vejo um espírito que vem subindo do chão. Ele lhe perguntou: Qual é a sua aparência? Ela disse: Vem subindo um ancião coberto com uma capa. Saul percebeu que era Samuel, inclinou-se e prostrou-se com o rosto em terra" (1Sm 28.13-14).

Diante de um texto como este, e da pergunta se é ou não possível a comunicação com os mortos, como muitos acreditavam na antiguidade e muitos acreditam no presente, é melhor ficar com o ensino geral da Palavra de Deus. Ela mostra que a comunicação com os mortos, ou tentativa dela, é proibida para os adoradores do Deus da Bíblia. Perceba, por exemplo, a gravidade deste pecado na advertência de Levítico 20.27, que diz: "O homem ou mulher que consultar os mortos ou for feiticeiro, certamente será morto. Serão apedrejados; serão culpados da própria morte".

4) O lamento de Davi pelas mortes de Saul e Jônatas em 2 Samuel 1.17-27

Davi expressa a sua dor pelas mortes de Saul e Jônatas por meio de um cântico. Assim como em todo o livro de 1 Samuel, neste início de 2 Samuel também, Davi mostra sua lealdade e admiração por Saul, seu perseguidor, e uma afeição muito especial para com seu amigo Jônatas. Em especial a parte final do cântico tem dado problemas para alguns intérpretes. Ele diz assim: "Estou angustiado por ti, meu irmão Jônatas; tu eras muito querido a mim! Tua amizade era mais preciosa para mim do que o amor de mulheres" (1.26).

Alguns exegetas dos anos setenta, segundo Anderson, por causa deste versículo, chegaram a entender que o relacionamento afetivo entre Jônatas e David equivalia a um relacionamento homossexual. Contudo, na opinião dele, a atitude geral do Antigo Testamento em relação ao homossexualismo (Lv 18.22; 20.13), e a mais do que demonstrada heterossexualidade de Davi

contradiz esta exegese. Deve ser levado em conta que a expressão "o amor das mulheres" também pode incluir o amor das mães por seus filhos, bem como das esposas por seus maridos.[Nota 29] O que aponta então para a intensidade do amor fraternal que havia entre eles.

Joyce G. Baldwin concorda com Anderson e comenta este versículo assim:

> Enquanto Davi havia convocado outros a chorar por Saul, ele se consumia de tristeza por *"meu irmão Jônatas"* , a quem se dirige como se ainda estivesse vivendo, uma ilusão comum em momentos de luto. *Amabilíssimo* capta a emoção com a qual Davi se lembra de Jônatas. De fato, Davi nunca havia experimentado um amor como o que Jônatas demonstrara para com ele. Ele não precisava entrar em detalhes a esse respeito, pois todos sabiam que Jônatas, o herdeiro do trono, não havia se apegado a seus direitos, mas voluntariamente renunciara a eles em favor de Davi, a quem havia protegido e encorajado ao longo dos anos. E essa renúncia não fora um ato impulsivo, mas sim uma atitude contínua de generosidade de corpo e alma: Jônatas havia permitido que seus próprios interesses fossem colocados de lado, a fim de que os de Davi pudessem prosperar. É verdade que Davi havia encontrado esse tipo de amor nas mulheres de sua vida – sua mãe e suas esposas – mas nem mesmo o amor delas podia se comparar com o sentimento que havia motivado Jônatas. Enquanto Saul havia distribuído presentes que tendiam a conquistar apoio para si (v.24), a bondade generosa e transparente de Jônatas não havia nem mesmo buscado uma recompensa – daí o elogio superlativo feito por Davi: 'Maravilhoso me era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres'.[Nota 30]

5) Absalão e as concubinas de Davi (2 Samuel 16.21-22)

Absalão ao tomar parte do harém de Davi, além de demonstrar o seu ódio contra Davi, estava como que dizendo ao povo: "a partir de agora eu sou o legítimo rei neste lugar". Isto estava de acordo com os costumes da época. Como destaca Champlim:

> O fato de Absalão ousada e abertamente tomar as concubinas mostrava que ele odiava seu pai, e não meramente que ele era o legítimo novo rei. O povo comum, sabedor de que os novos reis se apossavam do harém de seus antecessores, compreenderia o ato de Absalão como outra *evidência* de sua vitória. Um homem que agisse como ele agira necessariamente 'estaria exercendo as prerrogativas como sucessor ao trono'.[Nota 31]

Absalão, naquele momento, era rei de fato, ainda que não tivesse sido ungido formalmente como tal. Não se pode, ainda, deixar de perceber neste ocorrido o castigo contra Davi por causa de seu adultério com Bate-Seba e do assassinato do marido dela.[Nota 32] Estava se cumprindo a profecia de Natã, que disse: "Assim diz o SENHOR: da tua própria família trarei o mal sobre ti; tomarei tuas mulheres perante os teus olhos e as darei a teu próximo, e ele se deitará com tuas mulheres à luz do dia. Pois tu o fizeste em segredo, mas eu farei o que disse perante todo o Israel e à luz do dia" (2Sm 12.11-12).

6) A vingança dos gibeonitas pedindo para matar sete homens descendentes de Saul (2 Samuel 21.1-

14)

O leitor moderno deve lembrar que esta passagem não tem nada de cristã. Ela representa uma época em que a *lex talionis* (lei de talião) estava em vigência, a famosa "olho por olho dente por dente", que tinha como conceito geral para se fazer justiça a aplicação de uma pena equivalente ao crime cometido. Saul havia quebrado uma aliança que Israel tinha com Gibeão, matando alguns de seus cidadãos. Para que a justiça fosse feita os gibeonitas também mataram alguns dos descendentes de Davi.

7) A informação contraditória da morte de Golias em 2 Samuel 21.19

Ver o comentário feito a respeito das dificuldades encontradas no texto de 1Samuel 17.

8) O problema causado por ocasião de um censo levantado por Davi (2 Samuel 24).

Para um leitor moderno não é fácil de perceber à primeira vista o que foi que Davi fez de errado ao mandar contar o povo de Israel e Judá. Mas, o texto mostra que até ele mesmo reconheceu que errou. Depois que Joabe fez o censo, contra a vontade, como se vê no versículo 3, e apresenta a contagem para Davi, o que incluía apenas os homens de guerra (v. 9), este sentiu culpa. O texto diz assim: "...Davi sentiu-se culpado e disse ao SENHOR: Pequei gravemente no que fiz, mas agora peço-te que perdoes o pecado do teu servo, ó SENHOR; porque fui muito irresponsável no que fiz (2Sm 24.10).

A época era outra e a ação de Davi era pecaminosa. Baldwin sugere que o pecado de Davi tenha sido duplo: o orgulho e a auto-suficiência, que se manifestaram no seu desejo de formar um exército regular, o que era contrário às tradições de Israel.[Nota 33] Ela tem razão, mas parece que a estes dois poderia se acrescentar, ainda, um terceiro: a falta de fé. Se Davi confiasse que era o Senhor quem lhe dava as vitórias, como havia declarado no salmo que está em 2 Samuel 22, não haveria razão para contar o povo de guerra.

Afinal, não haveria diferença, a vitória, ou o livramento, viria pela intervenção de Deus e não pela quantidade de soldados que estivessem a seu dispor.

Veja, também, o comentário a respeito de 1 Crônicas 21.

Notas

Nota 24 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.131 [Voltar]

Nota 25 - Este tipo de anotação na Bíblia Hebraica é chamada de Masora Parva. Veja detalhes a este respeito no seguinte livro: FRANCISCO, Edson de Faria. Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Biblia Hebraica Stuttgartensia. 3.ed. ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.118-159. [Voltar]

Nota 26 - FRANCISCO, Edson de Faria. Manual da Bíblia Hebraica: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Biblia

Hebraica Stuttgartensia. 3.ed. ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.136. [Voltar]

Nota 27 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4ª ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p.207. [Voltar]

Nota 28 - Programa Márcia Peltier – Rede Bandeirantes de Televisão, 26/04/1999, 00:08 minutos. [Voltar]

Nota 29 - ANDERSON, A. A. 2 Samuel. In: HUBBARD, David A. e BARKER, Glen W. (ed. ger.) Word biblical commentary. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1989, p.19, v.11. [Voltar]

Nota 30 - BALDWIN, Joyce G. 1 e 2 Samuel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996, p.205. [Voltar]

Nota 31 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1296. [Voltar]

Nota 32 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1296. [Voltar]

Nota 33 - BALDWIN, Joyce G. 1 e 2 Samuel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996, p.331. [Voltar]

6.

OS LIVROS DE 1 E 2 REIS

Os livros de Reis encerram a primeira divisão da segunda parte da Bíblia Hebraica, a qual se divide em Profetas Anteriores e Profetas Posteriores. Eles concluem o conjunto que vai do Livro de Josué até o de 2 Reis, grupo muitas vezes chamado de história deuteronômica, por ter sido escrito a partir de uma perspectiva muito influenciada pelo Livro de Deuteronômio. Os livros, como os nomes já indicam, relatam parte da história dos reis de Judá e Israel, mas em suas páginas também encontramos bastante material a respeito de profetas. Eles apresentam ações de Natã, Isaías, Micaías, Aías, Jeú, da profetisa Hulda, de vários profetas não nomeados e um destaque especial para Elias e Eliseu. Surpreendentemente, pois é uma pessoa de destaque do final deste período, o profeta Jeremias não é citado nestes livros.

Vejamos alguns detalhes a respeito das questões introdutórias fundamentais e algumas informações que podem auxiliar na interpretação, como seguem.

6.1. Os Nomes dos Livros

Como já foi indicado no capítulo anterior, onde foram tratados os livros de 1 e 2 Samuel, inicialmente, os livros que conhecemos hoje como 1 e 2 Reis formavam uma unidade. Eles foram separados na LXX tomando os nomes de III e IV Livros dos Reinos e passaram para a Vulgata, também divididos em dois, com os títulos de III e IV Livros dos Reis. Este nome, "Reis", vem do título atribuído pela Bíblia Hebraica.

Na Bíblia Hebraica Stuttgartensia os livros são identificados como 1 Reis (*melakim* ' – a µykil;m]) e 2 Reis (*melakim b* – b µykil;m]), mas não trazem nenhum sinal especial de separação entre eles. O capítulo primeiro de 2 Reis segue, imediatamente, ao capítulo 22 de 1 Reis, sem nenhuma indicação de mudanças. Na verdade, a divisão entre os dois poderia ter sido melhor se fosse em outra parte e não na atual, pois esta separa a obra em duas no meio de um assunto que não deveria ser dividido, a narrativa a respeito de Acazias, rei de Israel. Confira em sua Bíblia o texto que vai de 1 Reis 22.51 até 2 Reis 1.8 e perceba como a divisão foi feita em local inadequado.

6.2. A Autoria dos Livros

A tradição Judaica aponta Jeremias como sendo o autor deste livro (1 e 2 Reis). Esta informação está no Talmude que informa que ele não só é o autor de 1 e 2 Reis, mas, também, do livro que leva seu próprio nome, Jeremias, e de Lamentações. Jeremias estava vivo e atuante na época da invasão de Jerusalém pelos exércitos da Babilônia e o livro que tem o seu nome cita os capítulos finais de 2 Reis ou outra fonte que pode ter sido utilizada por estes dois livros. Contudo, mesmo assim, não dá para provar que ele tenha sido o autor. Em relação a este assunto Raymond B. Dillard chega a dizer: "Jeremias com certeza não foi o verdadeiro autor de Reis. Ele foi para o Egito depois da destruição de Jerusalém (Jr 43.1-8). Embora não saibamos o que aconteceu ao profeta após sua partida, os últimos versículos de Reis foram provavelmente escritos por um escritor anônimo no exílio na Babilônia (2Rs 25.27-30)".[Nota 34]

6.3. A Data dos Livros

A composição final do livro, com certeza, é de depois de 561 a.C., pois no livro é citado Evil-Merodaque,[Nota 35] como rei da Babilônia, que agiu bondosamente para com o cativo Joaquim, rei de Judá. O texto diz assim:

> 27 Depois disso, no trigésimo sétimo ano do cativeiro de Joaquim, rei de Judá, no dia vinte e sete do décimo segundo mês, Evil-Merodaque, rei da Babilônia, no primeiro ano de seu reinado, libertou da prisão Joaquim, rei de Judá;
>
> 28 Ele o tratou bondosamente e concedeu-lhe lugar de maior honra do que os demais reis que estavam com ele na Babilônia.
>
> 29 Ele também mandou trocar suas vestes de prisão, ele comeu da mesa real todos os dias da sua vida.
>
> 30 E o rei lhe deu subsistência contínua, uma pensão diária durante todos os dias restantes de sua vida (2Rs 25.27-30).

Por outro lado, não há nos livros de Reis nenhuma menção à queda do Império Babilônico diante do Império Persa e a consequente restauração de Judá sob o governo de Ciro, que teve seu inicio em 539 a.C.36 Assim, a escrita deve ter ocorrido entre 561 a 539 a.C.

6.4. As Fontes Utilizadas

Nos Livros O livro, ou os livros, como atualmente são conhecidos, são o produto final de um trabalho redacional que utilizou algumas fontes que estavam disponíveis em sua época de escrita. Entre aquelas que podem ser percebidas no texto estão fontes identificadas e uma não identificada.

6.4.1. Fontes Identificadas no Livro

1) O Livro dos Atos de Salomão -1 Reis 11.41

"Quanto ao restante dos atos de Salomão, a tudo o que ele fez e à sua sabedoria, por acaso não está escrito no livro dos atos de Salomão?"

2) O Livro das Crônicas dos Reis de Israel -2 Reis 13.8

"Os demais atos de Jeoacaz, tudo que realizou e o seu poder, estão escritos no livro das crônicas dos reis de Israel".

3) O Livro das Crônicas dos Reis de Judá -2 Reis 20.20

"Os demais atos de Ezequias, todo o seu poder, como construiu o açude e o aqueduto e como canalizou água para a cidade, estão escritos no livro das crônicas dos reis de Judá".

6.4.2. Fonte não Identificada

Isaías capítulos 36-39. Estes capítulos do Livro de Isaías foram utilizados nos capítulos 18-20 de 2 Reis, sem nenhum tipo de identificação. Como 2 Reis conta a história até a queda da monarquia de Judá, deve ter sido ele quem citou Isaías e não o contrário.

6.5. Conteúdo e Tema Geral

Só para fixar é bom lembrar: Os dois livros juntos relatam as carreiras dos reis de Judá e de Israel, iniciando com o rei Salomão e seguindo até o fim do Estado de Judá, por ocasião do Cativeiro Babilônico. O tema geral pode ser descrito com a seguinte afirmação: O sucesso, ou o fracasso, está relacionado diretamente com a fidelidade ou não à aliança firmada com Deus. Como interpreta Raymond B. Dillard, levando em conta que o autor de Reis viveu no Cativeiro Babilônico: "o escritor está dizendo a Israel que o Exílio não foi o resultado de um fracasso por parte de Deus, mas sim que Deus agira para confirmar a sua santidade, julgando a nação pelas suas transgressões".[Nota 37]

6.6. O Esboço dos Livros de 1 e 2 Reis

Como já foi demonstrado que Reis é apenas um livro, originalmente, e não dois como os temos atualmente, o esboço geral aqui apresentado está baseado em 1 e 2 Reis como uma unidade.

1. O REINADO DE SALOMÃO (1Rs 1-11)

    1.1. As dificuldades da sucessão de Davi (1Rs 1.1-2.46)
    1.2. Acontecimentos gerais no reinado de Salomão (1Rs 3.1-5.12)
    1.3. A edificação do templo de Jerusalém (1Rs 5.13-8.66)
    1.4. A aliança de Deus com Salomão (1Rs 9.1-9)
    1.5. Várias atividades de Salomão (1Rs 9.10-28)

1.6. Salomão e a rainha de Sabá (1Rs 10.1-13)
1.7. As riquezas de Salomão (1Rs 10.14-29)
1.8. Os últimos anos de Salomão (1Rs 11)

2. O REINO DIVIDIDO

2.1. Da divisão até a queda de Samaria (1Rs 12 – 2Rs 17)
2.1.1. A divisão do reino (1Rs 12)
2.1.2. Predições proféticas contra Betel (1Rs 13)
2.1.3. Os reinados de vários reis de Judá e Israel (1Rs 14-16)
2.2. (As Histórias de Elias e Eliseu[Nota 38] (1Rs 17 – 2Rs 13)
2.2.1. Elias e as desavenças com a casa de Acabe (1Rs 17.1-2Rs 1)
2.2.2. Eliseu leva adiante o ministério de Elias (2Rs 3-13)
2.3. Os Reinados de vários reis de Judá e Israel até a queda de Samaria (2Rs 14-17)

3. O REINO DE JUDÁ DA QUEDA DE SAMARIA ATÉ O CATIVEIRO BABILÔNICO (2Rs 18-25)

3.1. O Reinado de Ezequias (2Rs 18-20)
3.2. O Reinado de Manassés (2Rs 21.1-18)
3.3. O Reinado de Amon (2Rs 21.19-26)
3.4. O Reinado de Josias (2Rs 22.1-23.30)
3.5. O Reinado de Joacaz (2Rs 23.31-35)
3.6. Os Reinados de Jeoaquim, Joaquim, Zedequias e o Cativeiro Babilônico (2Rs 23.36-26.30)

6.7. Destaques que Ajudam na Interpretação dos Livros

Seguem observações a respeito de passagens selecionadas que podem apresentar alguma dificuldade no momento da interpretação ou, ainda, que são essenciais para uma melhor compreensão dos livros como um todo. Outros detalhes devem ser consultados em comentários completos, inclusive, que podem ser encontrados nas referências bibliográficas deste livro.

1) É interessante notar que ainda no final do reinado de Davi, existiam duas unidades políticas conhecidas como Judá e Israel. Mesmo que elas estivessem unidas, mantinham suas diferenças. Tanto é assim que Davi ao passar a liderança do povo para Salomão ordenou que ele fosse líder sobre Israel e também sobre Judá. As ordens de Davi para o sacerdote Zadoque e o profeta Natã, depois de ungirem Salomão foi a seguinte: “Então vós o seguireis, e ele virá, se assentará no meu trono e reinará em meu lugar, pois o designei para ser líder sobre Israel e sobre Judá” (1Rs 1.36).

2) Conselhos de Davi a Salomão em 1 Reis 2

Era natural que ao passar a liderança da nação, Davi transmitisse algumas orientações para o seu

sucessor. O que o leitor cristão moderno estranha é a maneira rude com que ele o faz, em especial para com algumas pessoas. Contudo, deve ser levado em conta que, basicamente, ele animou Salomão, exortou a guardar a Lei de Deus, e o orientou a como lidar com os inimigos. Como Salomão era jovem e inexperiente era natural que aqueles que tentaram destituir até mesmo o poderoso Davi de sua posição de rei logo se animassem a fazer o mesmo com o jovem sucessor. Daí a necessidade de muita firmeza no início do reinado. Seus conselhos foram:

a) Coragem - 1Rs 2.2;
b) Guarda os preceitos do Senhor teu Deus - 1Rs 2.3;
c) Não deixar de castigar Joabe - 1Rs 2.5-6;
d) Não deixar de recompensar os filhos de Barzilai - 1Rs 2.7;
e) Não considerar Simei inculpável - 1Rs 2.8-9.

3) A expressão que aparece em 1 Reis 2.2 e diz, literalmente "Eu vou pelo caminho de toda a terra", é um eufemismo para se referir à morte.

4) O desejo de Adonias de tomar Abisague como esposa, uma das mulheres de Davi, a qual cuidou do rei em sua velhice (1Rs 1.1-4) certamente foi interpretado por Salomão como uma tentativa de tomar o poder (1Rs 2.13-25).

5) A forma como Salomão se firmou como Rei (1 Reis 2.23-46)

a) Mandou matar seu irmão Adonias - 2.23-25;
b) Expulsou o sacerdote Abiatar-2.26-27;
c) Mandou matar Joabe - 2.28-35;
d) Mandou matar Simei - 2.44-46.

É bom perceber que não há nenhuma condenação explícita por parte da Bíblia em relação a estes atos de Salomão e, também, notar que em 1 Crônicas 28.5, está registrado que foi Deus mesmo quem o escolheu para ser rei. É uma outra época, muito anterior ao cristianismo, e se o rei não se impusesse pela força, certamente, seria derrubado por seus rivais. Todas estas pessoas estavam envolvidas em tentativas de golpe de estado.

6) O texto de 1 Reis 4.21 mostra a extensão do reino de Salomão. Ele não reinou somente sobre Israel, mas sobre várias nações próximas que haviam sido conquistadas por Davi. O texto diz: "Salomão governava sobre todos os reinos, desde o Rio até a terra dos filisteus e até a fronteira do Egito; eles pagavam tributo e serviram a Salomão todos os dias da sua vida".

Duas observações a respeito deste texto podem ajudar na interpretação. A primeira é em relação ao nome do "Rio" que marca uma das fronteiras do governo de Salomão, citado na passagem.

O texto não informa o nome do rio, mas é de consenso entre os estudiosos que a expressão "o Rio" (*hannahar* - rh;N;hæ") se refere ao Rio Eufrates. Assim, seria bom observar em um mapa a extensão do território sob o poder de Salomão levando-se em conta esta informação A segunda observação é que na Bíblia Hebraica este texto não está como 1 Reis 4.21, mas como 1 Reis 5.1, iniciando um

novo capítulo.

7) A medida *"coro"* (*kor* - rKo) que aparece em 1 Reis 4.22 era utilizada para secos. Conforme a informação de Donald J. Wiseman um "*coro*" correspondia a 220 litros.[Nota 39]

8) A medida "*bato*" (*bat* - tB") que aparece em 1 Reis 7.26 equivale a aproximadamente 20 litros cada. Assim, 2000 *batos*, como está no texto, corresponde a quarenta mil litros. Já o côvado (*'ammâ* – hM;a") corresponde a, aproximadamente, 40 centímetros (1Rs 7.27).

9) Em 1 Reis 9.14 está escrito: "Hirão enviara ao rei cento e vinte talentos de ouro". Como um talento (*kikkar* - rK"Ki) pesava cerca de 34 quilos, Hirão enviou para Salomão perto de quatro toneladas de ouro.

10)O número de mulheres que Salomão tinha: setecentas princesas e trezentas concubinas pode muito bem ser mais um número simbólico do que literal, indicando a grandiosidade de seu harém mais do que o número exato (1Rs 11.3).

11)Ainda que alguns autores digam que Salomão, na velhice, se arrependeu da idolatria que praticou, o autor de Reis mostra que foi na velhice que ele se tornou idólatra. Veja o que diz o texto de 1 Reis 11.1-8.

12)A palavra escorpião que aparece no plural (*'aqrabbîm* - µyBir"q][") na resposta de Roboão para os líderes de Israel que lhe pediam um alívio na carga que seu pai Salomão lhes havia imposto, conforme 1 Reis 12.11 e 14, se refere a um tipo de chicote com pontas de ferro.

13) A carreira do profeta Elias (1 Reis 17,18,19,21 e 2 Reis 1,2)

Elias entra em cena na época do rei Acabe (874-853 a.C).Acabe era rei de Israel, Reino do Norte, e tinha como esposa e rainha Jesabel, estrangeira, da Fenícia, adoradora de Baal. Nesta época o povo estava confuso, já não sabia mais quem era o Deus verdadeiro (1 Reis 18.21). Então, Elias, foi usado por Deus para mostrar ao povo de Israel que, apesar das tentativas de Jesabel, Yavé continuava sendo o verdadeiro Deus de Israel (1 Reis 18.39).

Tiago, no Novo Testamento, faz duas afirmações muito importantes a respeito de Elias. São elas: 1) Elias era homem como nós; e 2) Elias é exemplo de pessoa que ora com eficácia. Quanto a isto pode-se dizer que Elias, de fato, era humano como nós, mas diferencia-se da maioria das pessoas pela sua obediência irrestrita a Deus. Quanto a ser exemplo de oração fica claro que ele orava segundo a vontade de Deus (1 Reis 18.36) e, por isso, sua oração funcionava. Por exemplo, quando orou contra a vontade de Deus pedindo a própria morte, simplesmente Deus não o atendeu (1 Reis 19.4) e isto de forma tão radical que ele acabou sendo arrebatado não passando pela morte em nenhuma ocasião (2 Reis 2.9-14).

14) O espírito de mentira da parte de Yavé (1Rs 22.1-40)

Uma das histórias mais interessantes do AT em relação a aparentes mentiras da parte de Deus

encontra-se nesta narrativa, e se repete em 1Cr 18, com pequenas diferenças. É a história de como Yavé, por meio de muitos profetas, convenceu Acabe a se lançar na luta contra a Síria, em Ramote-Gileade, onde perderia a sua vida. O texto começa com Acabe, rei de Israel, e Josafá, rei de Judá, reunidos em Samaria combinando um ataque aos sírios com o objetivo de reconquistar para Israel a região de Ramot de Galaad. A pedido de Josafá, antes de partirem para a batalha, resolveram consultar Yavé sobre este assunto para ter certeza se deveriam ou não fazê-lo. Muitos profetas foram chamados à presença dos reis. O texto fala em cerca de quatrocentos, o que, mesmo podendo ser um número simbólico, pois há uma predileção por esta utilização de números derivados de quatro, como quarenta e quatrocentos, representa uma grande quantidade de pessoas. Todos, a uma, profetizaram a vitória de Acabe e seu exército.

Tudo parecia bem até que Josafá, talvez desconfiado com aquela unanimidade incrível, perguntou se, por acaso, não haveria mais algum profeta de Yavé para ser consultado. A resposta foi positiva, havia um. Tratava-se de Miquéias, filho de Inlá, mas, da profecia deste o rei Acabe não gostava. Quando consultado, normalmente previa o mal e não o bem para o rei. Mesmo assim foi chamado e apresentado aos reis, ainda na presença dos demais profetas. Como precaução contra alguma profecia que não fosse do gosto do rei Acab, ele foi conduzido à presença dos soberanos já com a recomendação de que deveria lhes profetizar favoravelmente. Assim, diante do pedido do mensageiro para falar algo favorável, fez um juramento prometendo falar somente a mensagem de Yavé (1Rs 22.14). Isto acaba causando estranheza ao leitor, pois logo adiante no texto ele aparece falando ao rei exatamente aquilo que os outros profetas já haviam falado, para, em seguida, ao ser colocado debaixo de um juramento com maldição (*shaba‘* - [bæv;), mudar o seu discurso e profetizar de forma contrária aos demais (1 Rs 22.16,17).

Alguns têm interpretado esta atitude de Miquéias, iniciando seu discurso na mesma forma que os demais profetas, como uma mentira deliberada. Outros, como é o caso de DeVries, apenas como uma introdução irônica à sua mensagem.[Nota 40] Contudo, também deve ser levado em conta a possibilidade dele estar cumprindo à risca as ordens de Yavé, assim como havia jurado fazer. Então, inicialmente, Yavé teria lhe ordenado utilizar o mesmo engano dos demais e, em seguida, debaixo da adjuração do rei (*shaba‘* - [bæv;), que a real intenção (*’emet* - tm,aÖ) de Deus lhe fosse revelada, como foi.

Um dos destaques do texto é o termo “o espírito” (*harûah*. - jæWrh;). No texto hebraico, no v.21, “espírito” não aparece na forma indefinida, como algumas versões em português têm traduzido;[Nota 41] ele vem acompanhado do artigo definido (o espírito - *harûah*. - jæWrh;) o que o coloca em uma posição especial. Na corte de Yavé só há um espírito, o espírito de Yavé. Ele é quem pode dar a faculdade de profetizar. Sendo assim, a unanimidade da profecia oriunda dos profetas do rei tem uma explicação; todos estavam de acordo com a vontade de Yavé que desejava castigar o rei idólatra. Para tanto, ele age nos profetas como um espírito de engano (*sheqer* -rq,v,),[Nota 42] capaz de seduzi-los (*pata* - ht;P;), levando-os a crer na vitória do rei.

O texto torna-se complicado para os intérpretes ao mostrar o espírito de mentira da parte de Deus inspirando os profetas de Acab. Como disse Wevers, fica claro no texto que o próprio profeta

Miquéias não nega a sinceridade dos outros profetas. Ele simplesmente afirma que eles estavam intencionalmente sendo iludi-dos por Yavé.[Nota 43] Mas, não seria isto uma mentira da parte de Deus e, consequentemente, algo condenável?

Na opinião de Snaith, este texto está apenas refletindo um certo estágio na compreensão da pessoa de Deus. Segundo ele, Miquéias, monoteísta convicto que era, só poderia concluir que Yavé mesmo teria colocado na boca dos profetas um espírito de mentira, pois tanto o bem quanto o mal procediam dele, mas a solução seria apresentada só mais tarde por João, no NT, ao dizer que nem todo espírito procede de Deus (1 Jo 4.1).[Nota 44]

Diante disso, ao que parece, Snaith concordou que houve mentira no episódio, só não aceitou que ela fosse atribuída a Deus. Isto está de acordo com os inúmeros textos apresentando Deus como alguém que não mente, mas outras soluções também podem ser apresentadas. Dentre elas defendo que a conclusão a respeito de ter havido mentira ou não neste acontecimento, depende do conceito de mentira do AT. Se todo e qualquer engano, necessariamente for classificado como uma mentira, fica difícil de "livrar"Yavé de culpa neste episódio, a não ser que se conclua na mesma direção de Snaith optando pelo entendimento parcial do profeta a respeito da pessoa de Deus e atribuindo a mentira a um espírito que não procedeu dele, interpretação sem base concreta no texto em si. Mas, se o engano, em alguns casos, como disse Mitchel, pode ser justificável, há uma boa possibilidade de este ser um deles, assim como outros que aparecem no AT.[Nota 45] Desta forma, o acontecimento geral do texto não estaria apresentando uma mentira generalizada, entre os profetas, mas uma aparente mentira. Algo que na atualidade tem sido classificado como mentira, mas que no AT não o era. É melhor perceber que, no Antigo Testamento, ainda que toda mentira envolva engano, e é algo condenável, nem todo engano é mentira.

Segundo o relato da visão da corte celeste por parte de Miquéias, fica clara a intenção de Yavé a respeito do rei. Era seu desejo levar Acabe à morte em Ramot de Galaad (1Rs 22.20). Desta forma, o engano colocado pelo espírito da parte de Yavé na boca dos profetas tinha por finalidade causar o mal, e este é um dos elementos que têm sido defendidos nesta tese como necessários em um engano para que seja considerado mentira. Contudo, além da finalidade de causar o mal, para ser considerado mentira, ele deve fazer isto a uma pessoa inocente. Seria este o caso de Acabe? Com certeza não! De maneira breve serão demonstradas, na sequência, em apenas uma unidade de texto da Bíblia, algumas das falhas dele.

O primeiro relato a respeito da vida deste rei encontra-se em 1Rs 16.29-34. Ele pode ser encarado como um resumo de sua carreira relatando, principalmente, as maldades que praticou e já deve ser mais do que suficiente para demonstrar a sua culpabilidade diante de Yavé. Como disse Hubbard, Acabe, em toda a sua história narrada em 1 Reis 16-22, é apresentado como um vilão,[Nota 46] e este título serve-lhe muito bem, pois demonstrou, em companhia de sua impiedosa esposa Jezabel, ser um verdadeiro inimigo de Deus, ainda que teoricamente o servisse. Então, quando Deus o enganou por meio dos profetas, agiu de forma legítima, contra alguém merecedor do castigo.

Para concluir este ponto ainda é bom destacar: a palavra *sheqer* (rq,v,), utilizada no texto com

rûah. (jæWr), formando a expressão "espírito de mentira", poderia muito bem ser traduzida por enganoso e não mentiroso, o que é uma de suas possibilidades de tradução, dependendo do contexto em que se encontra. Tirando-se "mentira", palavra possuidora de uma conotação quase sempre negativa em português, na maioria dos seus contextos, e vertendo *sheqer* (rq,v,) pelo termo "engano" ou "ilusão", moralmente mais neutros, levando-se em consideração ainda que o resultado da ação deste espírito deveria ser a "persuasão" (*patâ* - ht;P;) do rei Acabe, poder-se-ia evitar uma interpretação precipitada e negativa do texto concluindo que Deus mentiu e, com isto, praticou algo errado. Pois, na realidade, o texto, para que seja coerente com o contexto restante do AT, deve estar mostrando apenas uma aparente mentira de Deus, um engano contra alguém que merecia ser enganado. Algo bem aceito na época de seu acontecimento e de sua escrita posterior.

15) A carreira do profeta Eliseu (2 Reis 2-10)

O ministério de Eliseu foi marcado, principalmente, por milagres e realização de sinais e maravilhas que demonstravam o poder de Deus. Alguns dos destaques são:

a) Dividiu as águas do rio Jordão para atravessá-lo a pé - 2.14

b) Tornou saudáveis as águas de Jericó - 2.21-22

c) Amaldiçoou os jovens que foram despedaçados pelas ursas - 2.24

d) Providenciou água para os reis que lutavam contra Moabe - 3.17

e) Multiplicou azeite para uma viuva pobre - 4.6

f) Curou uma mulher estéril - 4.17

g) Ressuscitou um menino - 4.3-32-35

h) Neutralizou o veneno que havia na comida dos discípulos de profetas - 4.41

i) Multiplicou pães - 4.42-44

j) Curou um leproso chamado Naamã - 5.14

k) Passou a lepra de Naamã para Geasi - 5.27

l) Fez flutuar um machado - 6.6

m) Conseguia descobrir, milagrosamente, os planos de ataque do Rei da Síria contra Israel - 6.8-12

n) Pediu a Deus que seu auxiliar visse o invisível, e ele viu - 6.17

o) Pediu que o exército da Síria fosse ferido de cegueira, e aconteceu - 6.18

p) Predisse abundância durante uma fome extrema - 7.1

q) Previu a morte de Ben-Hadade, rei da Síria - 8.10

r) Previu que Azael seria rei da Síria - 8.13

Também é bom destacar algumas das características marcantes do profeta Eliseu. Entre elas vemos:

a) Afeição filial - 1 Reis 19.20

b) Espiritualidade elevada - 2 Reis 2.9

c) Homem humilde - 2 Reis 3.11

d) Homem de coragem - 2 Reis 3.13,14

e) Desprendimento material - 2 Reis 5.5

16) Naamã, que era leproso, levou um grande tesouro para pagar a consulta, que haveria de fazer a Eliseu. O texto de 2 Reis 5.5 nos informa: "O rei da Síria respondeu: Vai depressa com esta carta ao rei de Israel. Ele foi e levou consigo dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez peças de roupas finas".

As seguintes observações feitas por Donald J Wiseman podem ajudar a entender melhor o texto: 1) Nos arquivos de Mari, Hititas e Assírios também existem correspondências que comprovam a prática da utilização de presentes, entre estados, para se conseguir uma audiência que envolva problemas de saúde; 2) Os dez talentos de prata equivaliam a cinco vezes o valor que Onri pagou pela região de Samaria, o que é uma amostra de seu grande valor (1Rs 16.24); 3) As peças de roupas não eram vestimentas prontas, mas fardos de tecidos.[Nota 47] Também é bom destacar que o *siclo* pesava cerca de 11,4 gramas. Sendo assim, Naamã levou consigo perto de 70 quilos de ouro.

17) Os cários, citados em 2Rs 11.4, "eram mercenários da Cária, no sudoeste da Ásia Menor, e podem ser identificados com os quereteus na guarda pessoal de Davi (2Sm 20.23).[Nota 48]

18)Os nomes que aparecem em 2 Reis 18.17, formando uma comitiva do rei da Assíria, para tratar da rendição de Judá, devem ser entendidos como títulos e não nomes próprios. Tartã, significa "Comandante Supremo"; Rabsaris, "Chefe dos Conselheiros"; e Rabsaqué era um título utilizado para governador de província. Sem dúvida, tratava-se de um grupo de negociadores muito poderoso.

19) O profeta Isaías era conhecido como alguém que poderia interceder diante de Deus em favor do povo. O rei Ezequias reconhece isto e, em grande dificuldade, manda pedir que Isaías interceda em favor da nação (2Rs 19.1-4).

20) Veja no próximo capítulo uma lista resumo da vida de Manassés, o pior rei de Judá, conforme 2 Reis 21.1-26 em conjunto com 2 Crônicas 33.1-20.

21) Não há concordância sobre o que seja o Livro da Lei que foi encontrado no Templo (2Rs 22.8). Alguns defendem que é o núcleo do Livro de Deuteronômio, outros acham que deve ser todo o Pentateuco. Seja como for, com certeza, uma parte do Antigo Testamento é o que foi encontrado. [Nota 49] Triste é observar que material tão importante para a nação estava perdido no Templo. Isto reflete a situação religiosa precária de Judá naquela época.

Notas

Nota 34 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.144. [Voltar]

Nota 35 - GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia. 4.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2010, p.128. [Voltar]

Nota 36 - GUSSO, Antônio Renato. Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia. 4.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2010, p.150-152. [Voltar]

Nota 37 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.155. [Voltar]

Nota 38 - As histórias de Elias e Eliseu estão inseridas no período mencionado acima, que vai da divisão do reino até a queda de Samaria, conforme relato iniciado em 1 Reis 12 e encerrado no final de 2 Reis 17. [Voltar]

Nota 39 - WISEMAN, Donald J. 1 e 2 Reis: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.86. [Voltar]

Nota 40 - DeVRIES, S. J. 1 Kings. In: HUBARD, D. A. (ed. ger.). Word biblical commentary. Waco, Texas: Word Books, Publisher, 1985, p.268. [Voltar]

Nota 41 - Ver a Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil e a Versão Revisada da Imprensa Bíblica Brasileira. [Voltar]

Nota 42 - WALSH, J. T. 1 Kings. In: Berit olam series. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1996, p.350, 551. [Voltar]

Nota 43 - WEVERS, J. W. The first book of the kings. In: LAYMON, C. M. (ed. ger.). The interpreter's one-volume commentary on the Bible. Nashville and New York: Abingdon Press, 1971, p.195. [Voltar]

Nota 44 - SNAITH, N. H. The first and second books of kings. In: BUTTRICK, G. A. (ed. ger.). The interpreter's Bible. New York: Abingdon Press, 1954, p.182 [Voltar]

Nota 45 - MITCHEL, H. G. The ethics of the Old Testament. Chicago: The University of Chicago Press, 1912, p.86, 87. [Voltar]

Nota 46 - HUBBARD, Jr, R. L. First second kings. Chicago: Moody Press, 1991, p.93. [Voltar]

Nota 47 - WISEMAN, Donald J. 1 e 2 Reis: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.182. [Voltar]

Nota 48 - WISEMAN, Donald J. 1 e 2 Reis: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.203. [Voltar]

Nota 49 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1558. [Voltar]

7.

OS LIVROS DE 1 E 2 CRÔNICAS

Uma das dificuldades dos Livros de Crônicas é determinar o tipo de literatura a que eles pertencem. Alguns têm sugerido que eles são livros de história, outros defendem que se trata de uma obra de teologia, e chegam a apontar o seu autor como o primeiro teólogo do Antigo Testamento. Outros, levando em consideração a quantidade de discursos ou sermões que aparecem nos livros, os entendem como livros de sermões levíticos, fazendo do autor um pregador de teologia pastoral. Outros, ainda, vêm neles uma obra de interpretação, ou exegese, explicando a Bíblia que o autor conhecia.[Nota 50] Como se vê, a leitura deles não é muito simples. Para ajudar nesta tarefa, semelhante àquilo que já foi feito em relação aos livros anteriores, aqui também será apresentada uma introdução com questões básicas fundamentais e alguns destaques que podem ajudar a esclarecer os textos mais complicados.

Uma boa versão bíblica é fundamental no acompanhamento do estudo das próximas páginas. Então, não deixe de conferir os textos aqui citados e, quando necessário, procure informações em algum comentário que trate das questões de forma mais completa.

7.1. Os Nomes dos Livros

Os livros atualmente conhecidos como 1 e 2 Crônicas, os dois últimos na relação canônica hebraica, inicialmente formavam uma unidade, conhecida pelo nome de "As Palavras dos Dias" (*dibrê hayyamîm* - µymiYæhæ yreb]di). Eles foram separados na LXX e chamados de I e II Livros das "Coisas Omitidas", provavelmente uma referência às coisas omitidas de Samuel e Reis. Na Bíblia Hebraica eles continuam com o antigo nome (*dibrê hayyamîm* - µymiYæhæ yreb]di), mas separados em duas partes identificadas pelas duas primeiras letras do Alfabeto Hebraico (a e b), como se fosse em português as partes 1 e 2, semelhante ao que acontece com os livros de Samuel e de Reis. Separados é força de expressão, pois na verdade o primeiro versículo de 2 Crônicas segue imediatamente ao último de 1 Crônicas, sem nenhum destaque que aponte para o início de um novo livro.

O título atual, "Crônicas", vem de uma sugestão dada por Jerônimo na introdução de sua

tradução latina dos livros de Samuel e Reis, na versão conhecida como Vulgata, de 385-405 d.C. Ainda que não tenha empregado este título sugeriu que ele ficava melhor do que o utilizado no grego, pois o livro, no entendimento dele, era uma crônica de toda a história sagrada. A sugestão foi acatada e acabou como título utilizado ainda na atualidade.

7.2. A Autoria e a Data dos Livros

Segundo Archer, mesmo não sendo aceito por muitos, "a evidência interna indica um período entre 450 e 425 a.C. como sendo a data da sua composição. É bem possível que a tradição talmúdica (Baba Bathra 15a) seja correta ao atribuir a autoria a Esdras".[Nota 51] Esdras era levita de linhagem sacerdotal e isto explicaria a ênfase dada pelo autor de Crônicas ao Templo. Também existe uma tradição registrada em 2 Macabeus 2.13-15, informando que o governador Neemias, contemporâneo de Esdras, e seu parceiro em algumas atividades, possuía uma boa biblioteca, o que poderia ter ajudado o escritor. O texto diz assim:

> Nas relações e nas memórias do tempo de Neemias, contavam-se os mesmos feitos e como também ele formou uma biblioteca, reunindo tudo o que se referia aos reis e aos profetas, as obras de Davi e as cartas dos reis a respeito das ofertas. Do mesmo modo, Judas reuniu todos os livros espalhados pelas guerras que nos sobrevieram, e esta coleção se encontra em nosso poder. Por conseguinte, se tendes necessidade de um destes livros, enviai-nos mensageiros que vo-los levarão (2 Mcb 2.13-15).[Nota 52]

Esdras, então, contemporâneo e colaborador de Neemias, poderia ter feito uso desta biblioteca para a produzir a "compilação" de Crônica. Contudo, não se pode ter certeza de quem seja o autor, já que o livro é anônimo.

7.3. As Fontes Utilizadas nos Livros

O conjunto 1 e 2 Crônicas é uma compilação a partir de vários outros documentos, o que mostra que o autor fez um excelente trabalho de pesquisa. Entre eles são identificados no próprio escrito os seguintes:

1) Crônicas de Samuel 1Cr 29.29

2) Crônicas do Profeta Natã 1Cr 29.29

3) Crônicas de Gade 1Cr 29.9

4) Livro da História de Natã 2Cr 9.29

5) Profecia de Aías 2Cr 9.29

6) Visões de Ido 2Cr 9.29

7) História de Semaías 2 Cr 12.15

8) Registro de Genealogias 2Cr 12.15

9) Crônicas de Jeú 2Cr 20.34

10) Atos de Uzias escritos por Isaías 2Cr 26.22

11) Livro da História dos Reis 2Cr 24.27

12) Livro dos Reis de Israel e Judá 2Cr 27.7

13) Visão do profeta Isaías 2Cr 32.32

14) História escrita por Hozai 2Cr 33.19

Também é bom levar em conta que o final de Crônicas e o início de Esdras são praticamente iguais. Isto levou alguns a concluírem que o mesmo autor os escreveu e, até mesmo, que eles formam uma obra única, juntamente com Neemias. Porém não parece lógico alguém repetir o escrito, seja na mesma obra, e na continuidade imediata, ou em obra que venha logo depois. Talvez tenhamos aqui mais um caso de utilização de fontes, mas nada se pode provar até o momento. Compare os textos de 2 Crônicas 36.22-23 e Esdras 1.1-3, como seguem, de acordo com a versão Almeida Século 21. Se for possível verificar também no hebraico, melhor.

2 Crônicas 36.22-23	Esdras 1.1-3
No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR dita pela boca de Jeremias, de modo que ele fez proclamar por todo o seu reino, de viva voz e também por escrito, este decreto: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR Deus dos céus me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe construir um templo em Jerusalém, que fica em Judá. Que suba aquele dentre vós que pertencer a todo o seu povo, e o SENHOR seu Deus esteja com ele.	No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR anunciada pela boca de Jeremias, o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, para que ele proclamasse o seguinte decreto por todo o seu reino e também o divulgasse por escrito, o qual dizia: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR Deus do céu me deu todos os reinos da terra e me encarregou de lhe construir um templo para ele em Jerusalém de Judá. Quem entre vós for do seu povo, que Deus esteja com ele, suba para Jerusalém de Judá e reconstrua o templo do SENHOR, o Deus de Israel. Ele é o Deus que habita em Jerusalém.

A utilização destas fontes apontam para o seguinte:

1) O autor estava bem informado;
2) O autor utilizou material bem conhecido;
3) Muitos escritos foram produzidos durante a história da nação;
4) As fontes eram confiáveis.

7.4. O Conteúdo Geral

Este conjunto, 1 e 2 Crônicas, dá muita importância ao templo e a tudo o que é relacionado a ele. Mais da metade de seu conteúdo pode ser encontrado em outros lugares do Antigo Testamento, especialmente em Gênesis, Samuel e Reis. Digno de nota é que o Reino do Norte (Israel) é praticamente deixado de lado pelo autor. Clyde T. Francisco destaca que o autor, em sua obra, dá bastante ênfase ao monoteísmo (1Cr 29.10-19), aos perigos da idolatria (1Cr 14.12 e 2Cr 14.3), à onisciência de Yavé (2Cr 16.9), à onipotência de Yavé (2Cr 29.10), às condições que fazem a guerra ser justificável ou desastrosa (2Cr 13.4-20; 14.9-15 e 20.1-30), com base na falsidade da sabedoria mundana (2Cr 16.12-14) e no dever, no conforto e na necessidade de oração (1Cr 17.16-27; 29.10-19; 2Cr 6.1-42; 7.1-3).[Nota 53]

7.5. O Esboço Geral dos Livros de 1 e 2 Crônicas

Os livros de 1 e 2 Crônicas, como unidade, podem ser esboçados da seguinte forma:

1. GENEALOGIAS DIVERSAS (1Cr 1-9)

2. A HISTÓRIA DO REI DAVI (1Cr 10-29)

    2.1. A morte de Saul (1Cr 10)
    2.2. Davi é ungido rei sobre Israel (1Cr 11.1-3)
    2.3. Davi conquista Jerusalém (1Cr 11.4-8)
    2.4. Os principais valentes de Davi (1Cr 11.10-47)
    2.5. O exército de Davi (1Cr 12)
    2.6. Davi e sua preocupação com o culto a Yavé (1Cr 13-17)
    2.7. Vitórias de Davi (1Cr 18-20)
    2.8. Dificuldades por causa de um senso levantado (1Cr 21.1-27)
    2.9. Davi e sua preocupação com o Templo (1Cr 21.28-26.32)
    2.10. Os Funcionários de Davi (1Cr 27)
    2.11. Davi Passa a Liderança Para Salomão e Morre (1Cr 28-29)

3. A HISTÓRIA DO REI SALOMÃO (2Cr 1-9)

    3.1. Salomão adora em Gibeão e recebe promessas divinas (2Cr 1.1-13)
    3.2. As riquezas de Salomão (2Cr 1.14-17)
    3.3. Salomão e a construção do Templo de Jerusalém (2Cr 2-7)
    3.4. Outras atividades de Salomão (2Cr 8)
    3.5. Salomão e a rainha de Sabá (2Cr 9.1-12)

3.6. As riquezas de Salomão (2Cr 9.13-28)
3.7. A morte de Salomão (2Cr 13.29-31)

4. A HISTÓRIA DOS REIS DE JUDÁ (2Cr 10-36)

4.1. A Divisão do reino e suas primeiras dificuldades (2Cr 10-12)
4.2. O reinado de Abias (2Cr 13)
4.3. O reinado de Asa (2Cr 14-16)
4.4. O reinado de Josafá (2Cr 17-20)
4.5. O reinado de Jeorão (2Cr 21)
4.6. O reinado de Acazias (2Cr 22)
4.7. O reinado de Joás (2Cr 23-24)
4.8. O reinado de Amazias (2Cr 25)
4.9. O reinado de Uzias (2Cr 26)
4.10. O reinado de Jotão (2Cr 27)
4.11. O reinado de Acaz (2Cr 28)
4.12. O reinado de Ezequias (2Cr 29-32)
4.13. O reinado de Manassés (2Cr 33.1-20)
4.14. O reinado de Amon (2Cr 33.21-25)
4.15. O reinado de Josias (2Cr 34-35)
4.16. Os reinados de Joacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias (2Cr 36)

7.6. Destaques que Ajudam na Interpretação dos Livros

Aqui trataremos de alguns destaques que podem ajudar na interpretação dos livros de Crônicas. Os assuntos serão tratados da forma resumida buscando-se sempre os pontos fundamentais para a compreensão do texto em foco. Para o aprofundamento das questões o leitor deve buscar ajuda em comentários especializados.

1) O termo casa, conforme aparece em 1 Crônicas 17.10b, na promessa de Deus para Davi, por meio do profeta Natã, tem o significado de "dinastia". O texto diz assim: "...Agora subjugarei todos os teus inimigos e te declaro que o SENHOR te edificará uma casa".

2) O texto de 1 Crônicas 21 é, essencialmente, uma repetição de 2 Samuel 24, mas com uma diferença fundamental. O texto de Samuel informa que Yavé incita Davi a levantar um censo, enquanto o de Crônicas diz que foi Satanás quem fez isto. Muitas são as opiniões dos comentaristas a respeito do que ocorre neste texto, contudo, poucas as definições razoáveis. Dentre elas destaco duas que podem nos ajudar na interpretação. A primeira é a que defende que na teologia hebraica, mais antiga, acreditava-se que tudo vinha de Yavé, o causador de todas as coisas. Assim, no entendimento do autor, foi ele quem levou Davi a levantar o censo, de acordo com o relato de 2 Samuel 24. Porém, na época do autor de Crônicas, como evolução da teologia, já havia o conhecimento de Satanás como pessoa. Percebendo que Yavé sendo bom não tentaria para o mal, e que Satanás é o verdadeiro tentador, o autor de crônicas trocou os nomes corrigindo o texto.

Também há a possibilidade da palavra Satanás, neste texto, não estar sendo utilizada como um nome próprio. A palavra "satanás" (*s' atan* - ˆf;c;), por aparecer na forma indefinida, sem artigo, tanto pode ser entendida como nome próprio como ser traduzida por "um adversário". Desta forma, o autor de Crônicas teria interpretado que a pressão de um inimigo, que havia se levantado contra Davi, uma nação inimiga, teria levado o rei a fazer a contagem do povo de guerra. Contudo, esta questão permanece em aberto.

Ver, também, o comentário a respeito de 2 Samuel 24.

3) Em 2 Crônicas 13.5 aparece a expressão "Aliança de Sal", que algumas versões têm interpretado como aliança eterna, ou permanente. Russel Norman Champlin diz o seguinte a respeito desta aliança:

> Era costume que aqueles que estabeleciam um acordo usassem sal em uma refeição conjunta ou em algum ritual. Ver Nm 18:19; 2 Cr 13.5. Segundo as evidências indicam, esse costume originou-se da observação de que o sal tem a capacidade de dar maior sabor aos alimentos e de preservá-los, o que pode simbolizar aquilo que se deve esperar dos pactos firmados, isto é, força, preservação, fidelidade, sem qualquer mescla com decadência ou hipocrisia. A lei judaica, em seu aspecto cerimonial, exigia o uso do sal em todas as ofertas de manjares; é possível que fosse usado sal em todos os demais tipos de oferendas. Ver Lev. 2:13. Apesar de que certas ofertas eram consumidas no altar dos holocaustos, a maioria das oferendas tinha uma porção que era entregue aos sacerdotes, para ser consumida. E o sal fazia parte necessária da dieta. Disso proveio o fato de que o sal, usado nas ofertas rituais, significava simbolicamente a perpetuidade e a fidelidade. Essa prática parece ter sido comum entre os povos orientais, e não somente em Israel.[Nota 54]

4) O mar mencionado em 2 Crônicas 20.2 deve ser o Mar Morto.

5) A vida do rei Manassés Como existem diferenças marcantes entre os relatos a respeito da vida do rei Manassés, filho do rei Ezequias (2Cr 20.21), escritos em Reis e Crônicas, é interessante fazer uma comparação entre eles, ainda que em forma de uma simples listagem de fastos, conforme se encontram em 2 Reis 21.1-26 e 2 Crônicas 33.1-20.

a) A vida de Manassés conforme 2 Reis 21.1-26

1 – Começou a reinar com 12 anos - 1

2 – Reinou por 55 anos - 1

3 – Era filho de Hefzibá - 1

4 – Fez o que era mau - 2

5 – Edificou os altares nas colinas - 3

6 – Levantou altares a Baal - 3

7 – Fez um poste ídolo - 3

8 – Se prostrou diante de todo o exército do Céu - 3

9 – Edificou altares no templo de Yavé - 4 e 5

10 – Queimou seu filho em sacrifício - 6

11 – Adivinhava pelas nuvens - 6

12 – Era agoureiro - 6

13 – Tinha relações com médiuns e feiticeiros - 6

14 – Fazia o que era mau para provocar a ira de Deus - 6

15 – Colocou um poste-ídolo no templo de Yavé - 7

16 – Fez o povo errar de tal forma que se tornaram piores do que os Cananeus que Deus havia mandado eliminar da terra - 9

17 – Matou muitos inocentes-16

18 – Foi pai do rei Amom - 19,20

19 – Foi avô do rei Josias - 24

RESULTADO

Como resultado das más ações de Manassés, Deus prometeu castigo para ele e também para seu país, Judá (10-15).

Obs.: O autor de Reis escreveu sobre a vida de Manassés com base na fonte chamada "História dos Reis de Judá (2 Reis 21.17).

b) A vida de Manassés conforme 2 Crônicas 33.1-20

1 – Queimou seus filhos em sacrifício - 6

2 – Praticava feitiçaria - 6

3 – Não atendeu às advertências de Deus - 10 e 18

RESULTADO

1 – Foi preso pelo rei da Assíria - 11

2 – Ficou angustiado - 12

3 – Suplicou ao Senhor Deus-12

4 – Se humilhou perante Deus - 12

5 – Orou a Deus - 13, 18 e 19

RESULTADO

1 – Deus atendeu sua oração - 13, 19

2 – Deus o fez voltar para Jerusalém - 13

RESULTADO

1 – Manassés reconheceu que Yavé é Deus - 13

2 – Fez obras na cidade - 14

3 – Tirou os deuses estranhos da casa de Yavé - 15

4 – Lançou fora os altares - 15

5 – Restaurou o altar de Yavé - 16

6 – Ofereceu ofertas pacíficas e sacrifícios a Yavé - 16

7 – Ordenou ao povo de Judá que servisse a Yavé - 16

Ainda que ele tenha tentado reparar os erros a verdade é que o estrago já estava feito. O povo continuou adorando nos altos (17).

Como lição prática fica a verdade espiritual de que não existe pessoa que Deus não possa transformar e perdoar.

Para tentar responder a questão que naturalmente se levanta ao vermos as diferenças entre os dois textos (Por que o Livro de Reis não apresentou o relato do arrependimento e conversão de Manassés?), ajuda perceber que os autores utilizaram fontes diferentes e que nenhum deles foi contemporâneo aos acontecimentos.

Obs.: O autor de Crônicas utilizou as seguintes fontes: “História dos reis de Israel” e “História Escrita por Hozai” (2Cr 33.18-19).

6) O texto de 2 Crônicas 36.9 parece estranho pela pouca idade do rei, apenas oito anos, e pelo

julgamento negativo de suas ações, pois reinou apenas três meses e dez dias, fazendo o que era mau perante o Senhor. O texto diz assim: Joaquim tinha oito anos quando começou a reinar, e reinou três meses e dez dias em Jerusalém. Ele fez o que era mau diante do SENHOR".

É melhor, neste caso, seguir o que alguns manuscritos variantes dizem e, em especial, o que está em 2 Reis 24.8, que aponta sua idade como dezoito anos e não oito. Veja o texto: "Joaquim tinha dezoito anos quando começou a reinar, e reinou três meses em Jerusalém. Sua mãe se chamava Neusta, filha de Elnatã, de Jerusalém".

Notas

Nota 50 - SELMAN, Martin J. 1 e 2 Crônicas: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.22-27. [Voltar]

Nota 51 - ARCHER, Jr. G. L. Merece confiança o Antigo Testamento? São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 439. [Voltar]

Nota 52 - BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada. Tradução do Centro Bíblico Católico de São Paulo. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959 [Voltar]

Nota 53 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Velho Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p.95-96. [Voltar]

Nota 54 - CHAMPLIN, Russell Norman.OAntigo Testamento interpretado: versículo por versículo: dicionário. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.4940. [Voltar]

8.

O LIVRO DE ESDRAS

O Livro de Esdras é muito importante para se conhecer a situação de Judá e seu povo durante o primeiro século após o decreto de Ciro, o qual permitiu que o povo, já sem esperanças de retorno, voltasse para Jerusalém e outras regiões da terra natal de seus antepassados. Assim, ele pode ser considerado importante tanto por seu conteúdo teológico quanto pelo histórico. Observa-se em suas páginas a ação soberana de Deus perdoando e abençoando seu povo ao mesmo tempo em que se descobre como é que este povo conseguiu retornar e como vivia naquele difícil recomeço.

As notas que aqui seguem servem para ajudar a entender melhor o conteúdo do livro. Portanto, para um melhor aproveitamento do estudo, deve ser feita a leitura atenta do livro em alguma boa versão bíblica com o acompanhamento destas informações.

8.1. O Nome e a Unidade do Livro

Estas duas questões estão intimamente ligadas, pois são muitos os que defendem que o Livro de Esdras não é uma unidade completa. Alguns defendem que ele faz parte de um conjunto que poderia ser identificado como Crônicas-Esdras-Neemias. Outros, ainda que descartem a união com Crônicas, defendem a unidade Esdras-Neemias. Na verdade, apenas a partir da Idade Média é que Esdras-Neemias aparecem separados nas bíblias hebraicas e quando os massoretas fizeram a contagem dos versículos o fizeram dos livros em conjunto, inclusive identificando Neemias 3.32 como o centro da obra. Foi Orígines o primeiro erudito a diferenciar os dois livros.[Nota 55] A Bíblia latina dividiu o conjunto Esdras-Neemias em duas partes às quais atribuiu os nomes de 1 e 2 Esdras.[Nota 56]

O nome do livro, na atualidade, corresponde ao nome de seu personagem principal, Esdras.

8.2. A Autoria e a Data do Livro

A tradição judaica tem afirmado que Esdras é o autor deste livro (*Baba' Bathra* 15a).[Nota 57] Não há porque duvidar, mas ao mesmo tempo não se pode provar, pois o livro em si, como muitos outros

no Antigo Testamento, é anônimo. Sua data de escrita, provavelmente, deve ser estabelecida por volta do ano 456 a.C., logo após a reforma promovida por Esdras.

8.3. O Conteúdo Geral

O assunto principal do livro é a volta do remanescente, do cativeiro na Babilônia para Judá. Esta volta já havia sido prevista pelo profeta Jeremias (Jr 25.11-12 e 29.10-11). Destaca-se, assim, teologicamente falando, a ação soberana de Deus, utilizando até mesmo governadores pagãos para cumprir os seus propósitos.

8.4. A Volta do Cativeiro Babilônico

É bom notar que, ainda que o livro registre a volta do cativeiro do primeiro grupo, Esdras não estava nele. Certamente, Esdras, não havia nem nascido ainda nesta época. Ele vai participar do segundo grupo que retorna (ou vai) para Judá bem mais tarde.

O primeiro grupo deve ter contado com uma participação de mais ou menos cinquenta mil pessoas, que atenderam ao decreto de Ciro no ano de 536 a.C. Já o grupo de Esdras, bem menor, com cerca de dois mil homens, talvez perto de dez mil pessoas contando mulheres e crianças, partiram para Jerusalém, cerca de 80 anos mais tarde, autorizados pelo decreto de Artaxerxes, em 456 a.C. (Ed 8.1-20). Para que possamos entender melhor o livro, então, é necessário prestar atenção na cronologia do mesmo.

Os primeiros capítulos do livro, capítulos 1-6, cobrem cerca de 20 anos de história após o retorno do primeiro grupo, o comandado por Zorobabel. Entre o final do capítulo 6 e o início do 7 existe um intervalo de aproximadamente 60 anos, o que deve ser levado em consideração na hora da interpretação. Assim, Esdras foi para Jerusalém cerca de 80 anos após a ida do primeiro grupo.

Também é bom lembrar que durante a primeira parte do intervalo entre os capítulos 6 e 7 podem ter ocorrido os acontecimentos registrados no Livro de Ester.

8.5. Os Personagens Principais do Livro

Como é fácil notar o livro possui dois personagens principais separados por um longo período de tempo. São eles: Zorobabel e Esdras. Vejamos alguns detalhes a respeito deles.

a) Zorobabel

Seu nome significa “Semente da Babilônia”, o que demonstra que ele não foi levado cativo para lá, mas sim nasceu naquele país. Ele era de linhagem real, descendente de Davi (1 Cr 3.16-19), e sua indicação para comandar a volta do “Remanescente” pode ter levado muitos a ver nele a possibilidade de cumprimento de promessas messiânicas.

Podemos destacar na carreira de Zorobabel:

1) O comando do remanescente (Ed 2.1-2);

2) O lançamento dos fundamentos do novo templo (Ed 3.8);

3) A finalização da construção do templo (Ed 6.15 e Zc 4.9).

b) Esdras Esdras foi um dos cativos que nasceu na Babilônia. Ele era descendente do primeiro Sumo-Sacerdote de Israel, Arão (7.1-5).

Era também sacerdote e escriba, perito nas Escrituras (7.6). Cinco grandes obras são atribuídas a ele pela tradição judaica. São elas:

1) Fundação da Grande Sinagoga (O que, mais tarde, se tornaria no Sinédrio);

2) O estabelecimento do Cânon Hebraico;

3) Atualização das Escrituras, passando-as do hebraico antigo para o hebraico "moderno", em relação à sua época;

4) Compilação dos livros de Crônicas, Esdras e Neemias;

5) Fundação de sinagogas locais.

Ao analisarmos o personagem Esdras podemos perceber em sua pessoa:

1) Propósito piedoso 7.10;

2) Gratidão a Deus 7.27,28;

3) Dependência de Deus 8.21-23;

4) Tristeza pelo pecado do povo 9.3,4;

5) Humildade diante de Deus 9.5-15;

6) Atitude corajosa contra o erro 10.10-12, 18-19

8.5. O Esboço Geral do Livro de Esdras

Qualquer esboço do livro deve deixar claras as duas fases da restauração de Judá representadas nele: 1) A época na qual Zorobabel é o personagem principal; e 2) A época das ações de Esdras. Vejamos uma sugestão com base nestas duas divisões.

1. A ÉPOCA DE ZOROBAEL (1-6)

1.1. A Ida de Zorobabel, com o primeiro grupo, para Judá (1-2)

1.2. A Reconstrução do Altar (3.1-7)
1.3. A Reconstrução do Templo (3.8-13)
1.4. O Encontro dos Adversários (4)
1.5. A Exortação dos profetas Ageu e Zacarias (5.1-6.14)
1.6. O Templo Completado (6.15-22)
Intervalo de 60 anos

2. A ÉPOCA DE ESDRAS (7-10)

2.1. A ida de Esdras, com o segundo grupo, para Judá (7.1-8.36)
2.2. O Problema com os casamentos mistos (9.1-10.44)

8.6. Destaques Que Ajudam na Interpretação do Livro

Seguem alguns destaques e algumas informações que podem ajudar na melhor interpretação do livro.

1) O decreto de Ciro, que se encontra no início do Livro de Esdras (Ed 1.1-4), não deve ser entendido como um testemunho de conversão, mas como uma manobra política visando o controle das nações subjugadas. Assim como os judeus, também aqueles que pertenciam a outros povos puderam partir para a terra de onde haviam sido levados. Com certeza, esta política foi bastante positiva para o rei da Pérsia, que acabava por se colocar como um libertador e não um conquistador aos olhos de seus súditos.

2) Não se pode esquecer que o fim do cativeiro babilônico, com a permissão de volta para Jerusalém, não significa independência para a Judeia. Certamente os reis da Pérsia tinham interesses em Jerusalém e os líderes de Judá, ainda que fossem homens interessados no bem de seu povo, não deixavam de ser funcionários da Pérsia.

3) Já foi visto neste livro que o líder do primeiro grupo que foi da Babilônia para Judá se chamava Zorobabel, porém em Esdras 1.8 o chefe de Judá, para quem são devolvidos os tesouros que haviam sido saqueados do Templo de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor, para serem levados de volta, é chamado de Sesbazar, o que tem causado algumas dificuldades para os intérpretes. O texto diz assim: “Ciro, rei da Pérsia, ordenou que Mitredate, o tesoureiro, os retirasse, e este os entregou contados a Sesbazar, chefe de Judá”.

Uma interpretação viável, ainda que não se possa dizer que há certeza absoluta a este respeito, é que Sesbazar seria o nome persa utilizado na administração para o mesmo Zorobabel. Algo semelhante com o que aconteceu com Daniel e seus amigos, que tiveram seus nomes modificados (Dn 1.3-7). Apóia esta interpretação o fato de Sesbazar ser um nome que está ligado ao deus sol da Babilônia.

4) A palavra hebraica *darkkemônîm* (µyni/mK]r]D") que aparece em Esdras 2.69 e também em 8.27, tem sido traduzida em algumas versões por dracmas e em outras por dáricos. Parece que

dárico é a melhor escolha. Se este for o significado o autor estaria utilizando para a informação moedas de sua própria época, as quais foram introduzidas por Dario I (521-486 a. C), um rei posterior a Ciro. Já a dracma grega só foi moeda corrente na Judeia cerca de 200 anos mais tarde.[Nota 58]

Os sessenta e um mil dáricos de Esdras 2.69 equivalem a mais ou menos meia tonelada de ouro. Os mil dáricos de Esdras 8.27 ficariam perto de oito quilos e meio ouro. Já o termo mina, que também aparece neste texto, para indicar a quantidade da prata que foi ofertada, equivale a, aproximadamente, 570 gramas cada.

5) O texto que vai de 4.8-6.18 está em Aramaico no original, e não em hebraico.

6) Os profetas Ageu e Zacarias foram os incentivadores da reconstrução do templo (Ed 6.14). A leitura dos livros proféticos que levam os nomes deles pode ajudar a entender melhor este período.

7) O mês de Adar mencionado em Esdras 6.15 equivale, aproximadamente, a fevereiro/março. O texto informa: “E o templo foi concluído no terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano do rei Dario”.

8) É muito importante lembrar que entre o capítulo 6 e o capítulo 7 de Esdras há um espaço de aproximadamente sessenta anos.

E, também, que Esdras só aparece nos relatos desta segunda parte do livro. Na primeira o personagem de destaque é Zorobabel.

9) Também o texto de 7.12-26, a carta de Artaxerxes para Esdras, no original, encontra-se em aramaico.

Notas

Nota 55 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.171. [Voltar]

Nota 56 - SCHMIDT, Werner H. Introdução ao Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p.159. [Voltar]

Nota 57 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.171. [Voltar]

Nota 58 - KIDNER, Derek. Esdras e Neemias: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989, p.47. [Voltar]

9.

O LIVRO DE NEEMIAS

Talvez alguns estranhem o tratamento dado aqui ao Livro de Neemias em separado do Livro de Esdras, pois, como foi visto no capítulo anterior, grande parte dos estudiosos os considera como apenas um. Porém, como nas bíblias modernas eles aparecem como dois livros diferentes, parece melhor, nem que seja apenas por questão didática, tratar do assunto em duas partes.

O nome do livro é o mesmo de seu personagem principal, Neemias. As questões de autoria e data foram abordadas quando da apresentação do Livro de Esdras e não necessitam ser repetidas.

Vejamos então, um pouco mais a respeito da possibilidade da unidade formada por Esdras-Neemias, e outras questões, mais de conteúdo, que podem ajudar a entender melhor esta porção da Palavra de Deus.

9.1. A Unidade do Livro

Sim, muitos autores defendem que Esdras e Neemias, inicialmente, formavam um único livro. Contudo, existem neles alguns pontos difíceis de serem conciliados. Uma das grandes dificuldades para sustentar esta unidade entre eles é descobrir o motivo pelo qual a relação dos que foram da Babilônia para Judá, inclusive bastante longa, apareceria duas vezes em uma mesma obra, como é possível verificar em Esdras 2.1-70 e Neemias 7.5 e seguintes.

Agravando-se ainda pelo fato de existirem entre as duas listas diferenças significativas em praticamente a metade dos itens. Veja apenas alguns exemplos, como seguem: Esdras 2.5 apresenta 775 pessoas, enquanto Neemias 7.10 apresenta 652,veja: “Os descendentes de Ara, setecentos e setenta e cinco” (Ed 2.5).

“Os descendentes de Ara, seiscentos e cinquenta e dois” (Ne 7.10).

Esdras 2.6 apresenta 2812, enquanto Neemias 7.11 apresenta 2818, veja; “Os descendentes de Paate-Moabe, dos filhos de Jesua e de Joabe, dois mil oitocentos e doze” (Ed 2.6).

"Os descendentes de Paate-Moabe, por meio da linhagem de Jesua e de Joabe, dois oitocentos e dezoito" (Ne 7,11); Esdras 2.8 apresenta 945, enquanto Neemias 7.13, apenas, 845, veja: "Os descendentes de Zatu, novecentos e quarenta e cinco" (Ed 2.8).

"Os descendentes da Zatu, oitocentos e quarenta e cinco" (Ne 7.13).

Além das dificuldades exemplificadas acima, ainda, Esdras, no livro que leva seu nome aparece na 1ª pessoa enquanto no livro chamado Neemias ele é tratado na 3ª pessoa. Por outro lado, Neemias, no Livro de Neemias, aparece na 1ª pessoa em várias ocasiões, mas, também, aparece na 3ª, como pode ser visto em Neemias 12.47.

Tudo isto, em meu entender, aponta para um início em separado com uma redação final única, e não o contrário, início unido e redação final em separado. Como explicar a atual separação é outro problema, que até o momento não tem solução clara.

9.2. As Dificuldades Enfrentadas por Neemias

Neemias foi para Jerusalém voluntariamente para assumir o cargo de governador de uma província falida. Uma de suas principais tarefas foi reconstruir os muros da cidade de Jerusalém, que caídos se tornaram um símbolo do fracasso nacional. Para conseguir fazer isto enfrentou dificuldades internas e externas, como seguem:

a) As dificuldades externas

1) Desprezo da parte dos líderes vizinhos de Jerusalém 4.1-6;

2) Ameaça de represália militar 4.7-9;

3) Tentativa de engano 6.1-19.

b) As Dificuldades Internas

1) Reconstruir um grande muro que estava em ruínas 4.10;

2) Superar o medo 4.11-14;

3) A Cobiça de seu próprio povo 5.1-13.

Obs.: Apesar das dificuldades enfrentadas, Neemias levou o povo a reconstruir os muros de Jerusalém em apenas cinquenta e dois dias, depois de estarem destruídos a cerca de cento e trinta anos e esperando para ser reconstruídos, desde a volta do cativeiro Babilônico, por um período de aproximadamente oitenta anos.

Mais incrível do que reconstruir aquele grande muro em apenas cinquenta e dois dias é saber que um muro que podia ser reconstruído neste espaço de tempo ficou todos aqueles anos sem ser

reconstruído.

9.3. A Administração de Neemias

O livro apresenta alguns pontos importantes que dão uma ideia da administração de Neemias como governador de Judá.

Vejamos alguns:

1) Estabeleceu guardas na cidade de Jerusalém 7.1-4;

2) Deu ênfase à Lei de Deus 8.1-12;

3) Tomou medidas para povoar a cidade de Jerusalém 11.1-2;

4) Reconstruiu os muros da cidade;

5) Dedicou os muros 12.27-43;

6) Organizou a manutenção dos sacerdotes e levitas 12.44-47;

7) Passou um período fora de Jerusalém 13.6

8) Expulsou Tobias, que estava morando no templo 13.4-9;

9) Garantiu o sustento dos levitas 13.10-14;

10) Obrigou a guardarem o sábado 13.15-22;

11) Proibiu o casamento com estrangeiras 13.23-29.

Não se pode esquecer que Neemias, para administrar, contava com a autoridade que lhe fora dada pelo Império Persa. Ele não era um líder espiritual nos moldes da atualidade, era um governador Persa, com toda a autoridade que este cargo lhe dava. Inclusive contava com soldados às suas ordens. Veja o que está escrito em Neemias 2.9: "Então, fui até os governadores do território a Oeste do Eufrates e lhes entreguei as cartas do rei. Além das cartas, o rei tinha enviado comigo oficiais do exército e cavaleiros".

9.4. As Orações de Neemias

Um dos pontos mais marcantes da carreira de Neemias é a sua vida de oração. O número de orações, onze em todo o livro, e a variedade de assuntos abordados, apontam para uma pessoa em comunhão permanente com Deus. Veja a relação de orações:

1) Pedindo sucesso 1.5-11;

2) Pedindo orientação 2.4;

3) Amaldiçoando 4.4-5; 5.13

4) Pedindo proteção 4.9;

5) Pedindo que Deus lembre de todo o bem que ele fez 5.19;

6) Pedindo forças para continuar 6.9;

7) Pedindo justiça 6.14;

8) Louvando a Deus 8.6

9) Pedindo que Deus lembre de suas ações 13.14;

10) Pedindo que Deus lembre de suas ações e perdoe suas iniquidades 13.22;

11) Pedindo justiça 13.29; 1

2) Pedindo que Deus lembre dele para o bem 13.31.

Como é possível notar Neemias era homem de oração, mas também de ação. Não vivia uma fé apenas intelectual, ou contemplativa, sabia a hora de orar e a hora de agir.

9.5. O Esboço Geral do Livro

O livro de Neemias pode ser dividido em três partes distintas principais como segue:

1. A IDA DE NEEMIAS PARA JERUSALÉM E A RECONSTRUÇÃO DOS MUROS (1-6)

    1.1. Neemias recebe a notícia da triste situação de Jerusalém (1)

    1.2. Neemias vai para Jerusalém (2)

    1.3. A lista dos que trabalharam na reconstrução dos muros (3)

    1.4. Diante das ameaças o preparo da defesa (4)

    1.5. Neemias consegue paz entre os ricos e os pobres de Jerusalém (5)

    1.6. Tentativas de intimidação contra Neemias (6)

2. O GRANDE REAVIVAMENTO (7.1-13.3)

    2.1. Neemias estabelece guardas para as portas de Jerusalém (7.1-4)

2.2. Os que foram da Babilônia à Jerusalém e suas contribuições (7.5-73)

2.3. A leitura da Lei de Deus e suas consequências (8-10)

2.4. Relação dos que moraram em Jerusalém e arredores (11)

2.5. Os sacerdotes que foram para Jerusalém (12.1-26)

2.6. A festa da dedicação dos muros de Jerusalém (12.27-13.3)

3. A VOLTA DE NEEMIAS DA PÉRSIA PARA JERUSALÉM E SUAS REFORMAS (13.4-31)

3.1. Neemias expulsa Tobias do recinto do Templo (13.4-9)

3.2. Neemias restaura a manutenção dos Levitas (13.10-14)

3.3. Neemias restabelece a guarda do Sábado (13.15-22)

3.4. Neemias condena o casamento com estrangeiras (13.23-31)

Obs.: Como é possível perceber no esboço, o livro não menciona o tempo gasto por Neemias em sua volta para a Pérsia, antes de seu retorno para Jerusalém, conforme está registrado no capítulo 13. Alguns têm concluído que ele se ausentou depois de 12 anos de trabalho, mas não se sabe por quanto tempo. Isto é interpretado do texto que diz:

> Mas durante todo este tempo eu não estive em Jerusalém, pois no trigésimo segundo ano do reinado de Artaxerxes, rei da Babilônia, voltei ao rei. Mas depois de alguns dias, pedi permissão ao rei e voltei a Jerusalém. Fiquei sabendo do mal que Eliasibe havia feito em preparar para Tobias uma sala no pátio do templo de Deus (13.6-7).

9.6. Destaques Que Ajudam na Interpretação do Livro

Vários detalhes do conteúdo do Livro de Neemias já foram visto, mas mais alguns devem ser destacados. Estes também ajudarão na melhor interpretação.

> 1) O Livro de Neemias inicia informando a data do início dos acontecimentos que serão narrados. Ele diz: “Palavras de Neemias, filho de Hacalias: No mês de quisleu, no vigésimo ano quando eu estava na cidade de Susã” (Ne 1.1). Para Derek Kidner esta data corresponde a meados de novembro e dezembro de 446 a.C. O vigésimo ano mencionado deve ser o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes.[Nota 59]

> 2) Hanani foi quem levou as más notícias a respeito de Jerusalém para Neemias. O texto diz assim: “Hanani, um de meus irmãos, veio de Judá com mais alguns homens. Perguntei-lhe pelos judeus que voltaram, os que sobreviveram ao cativeiro, e a respeito de Jerusalém” (Ne 1.2). Ele pode ser irmão ou algum parente de Neemias, pois a palavra hebraica (*’ah* - ha;) que

foi utilizada em Neemias 1.2, para identificá-lo, comporta estes dois significados.

3) Neemias encerra sua primeira oração que aparece no livro dando ao leitor uma informação a respeito de quem ele era. Ele diz que naquela época era copeiro (*mashqeh* - hq,v]mæ) do rei, palavra que também aparece na história de José, em Gênesis 40.2. O copeiro do rei era um alto oficial do palácio que tinha como atribuição principal provar e escolher o vinho que o rei bebia, para comprovar que ele não estava envenenado. Era um cargo de extrema confiança e tornava o seu possuidor uma pessoa de grande influência pela proximidade que tinha com o rei. No livro apócrifo de Tobias há uma informação a respeito de um certo Aicar, copeiro do rei assírio Esar-Hadom. Além de copeiro, ele era o principal ministro do rei.

4) Ainda que Neemias tenha ficado extremamente abatido ao receber as informações a respeito de Judá, não pediu logo permissão ao rei para ir até Jerusalém. O pedido foi antecedido por um bom período de orações e jejum. A data da conversa foi registrada em Neemias 2.1, e mostra que se passaram perto de cinco meses até que ela acontecesse, no mês de nisã (abril/maio), no mesmo vigésimo ano do reinado do rei Artaxerxes.

5) O muro de Jerusalém foi concluído no vigésimo quinto dia do mês de elul (Ne 6.15), o qual corresponde a, mais ou menos, agosto/setembro.

6) Em Neemias 7.70-72 aparecem dáricos e minas. Veja o comentário de Esdras 2.69.

7) No texto de Neemias 9.5-37 é apresentado um resumo da história de Israel. Estas são suas partes:

a) Pré-história – a criação 9.5;
b) O Período Patriarcal 9.6-8;
c) Aflição no Egito 9.9-11;
d) Acontecimentos no deserto 9.12-21;
e) Período da conquista 9.22-25;
f) Período dos juízes 9.26-28;
g) Período dos reis 9.29-35;
h) Período pós-monarquia 9.36-37.

8) Entre os compromissos que foram feitos pela liderança, em nome do povo, em Neemias 10,32 há o de contribuir com um terço de um siclo por ano como imposto para a manutenção do culto no templo de Jerusalém.Um siclo equivale a 11,4 gramas de ouro.

9) O texto de Neemias 11.22-24 deixa entender que havia no templo um grupo de cantores que serviam ao Senhor com canto coral. Para este grupo havia uma orientação de sustento feita diretamente pelo rei da Pérsia, o qual era representado nestas questões, naquela época, por um oficial chamado Petaías.

10)Temos em Neemias 12.8-9 uma amostra da participação dos cantores no culto do templo. Aqui fica claro que cânticos anti-fônicos eram apresentados a Deus. O texto diz assim: “E os

levitas: Jesua, Binui, Cadmiel, Serebias, Judá, Matanias; este e seus irmãos dirigiam os cânticos de ações de graça. E Baquebuquias e Uni, seus irmãos, estavam do lado oposto para responder-lhes".

Notas

Nota 59 - KIDNER, Derek. Esdras e Neemias: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989, p.84. [Voltar]

10.

O LIVRO DE ESTER

O livro de Ester, que recebeu o nome de sua grande heroína, desde cedo tem encontrado dificuldades para sua aceitação no meio religioso, seja judeu, seja cristão. Isto, em especial, porque em uma leitura rápida têm-se a impressão de que o livro é totalmente secular, pois faltam nele os elementos costumeiramente encontrados em outras obras que fazem parte do Cânon, como a presença de Deus, orações, leis, *etc.* Não foi por pouco que Lutero declarou sua aversão a este livro, dizendo que gostaria que ele jamais tivesse existido.

Desta forma, como destaca Raymond B. Dillard, a história de sua composição, seu objetivo, historicidade e teologia têm sido debatidas de forma vigorosa. Inclusive, como é normal acontecer em relação a passagens onde a Bíblia é muito reticente, também para Ester foram criadas adições apócrifas, incluídas na Septuaginta (LXX) e, posteriormente, no Cânon Católico Romano. Neste caso as adições trataram de providenciar recursos que eliminem a "falha" de não mencionar Deus nem de tratar da adoração religiosa,[Nota 60] em especial providenciando, ações de devoção e orações que foram colocadas nos lábios de Ester e Mardoqueu.

Como não poderia deixar de ser em relação a um livro como este há muita especulação sobre ele. Não temos como discutir todas as questões que envolvem a história da interpretação de Ester. Assim, como temos feito até aqui, nos capítulos anteriores, partiremos para apenas algumas informações introdutórias básicas e alguns destaques que possam ajudar na compreensão geral da mensagem.

10.1. A Autoria e a Data do Livro

Assim como outros livros do Antigo Testamento também este é anônimo. Alguns têm atribuído sua autoria ao próprio Mardoqueu ou, pelo menos, vêm nele a fonte principal para o escrito. Agostinho chegou a atribuir a autoria a Esdras. O pseudo-Filo, assim como o rabino Azarias, atribuíram a autoria de Ester a Joia-quim, filho do sacerdote Josué, isto a pedido de Mardoqueu, no décimo segundo ano do reinado de Artaxerxes. Porém, todas estas atribuições não passam de tentativas.[Nota 61]

A referência mais antiga a respeito da festa de Purim encontra-se em 2 Macabeus 15.36. Como este está datado como sendo de 161 a.C., pelo menos, pode-se dizer que o Livro de Ester, com certeza, é mais antigo. Não adianta muito verificar neste ponto as diversas teorias, mas creio que seja interessante ver o que Joyce G. Baldwin diz a este respeito como conclusão de seu arrazoado sobre o assunto. Ela disse:

> Embora seja impossível ter-se completa certeza, o período mais provável para o hebraico original de Ester é a segunda metade do século V ou o começo do IV a.C.. Uma dessas datas não apenas concorda bem com as evidências linguísticas, mas também fornece as razões para os reflexos exatos da vida em Susã na época de Assuero, e do caráter do rei. O autor teve dificuldades de obter aceitação dos seus 'editores' judeus, mas a longo prazo a sua obra tornou-se reconhecida e estabelecida.[Nota 62]

10.2. Significados de Nomes no Livro de Ester

Os significados dos nomes na Bíblia, muitas vezes, podem ajudar na interpretação. Assim, vejamos os de alguns dos personagens principais do Livro de Ester.

a) Hadassa: Nome hebraico de Ester, que significa "Murta", uma espécie de arbusto.

b) Ester: Nome Persa que significa "Estrela".

c) Vasti: Nome Persa que significa "Bela Mulher", dado à rainha que antecedeu a Ester.

d) Mardoqueu: Talvez maneira hebraica de dizer "Mardukaia", nome comum na Babilônia, que possui o significado de "Homem de Marduque".

10.3. O Propósito Geral do Livro

Raymond B. Dillard afirma que "o objetivo do livro em sua forma atual é claramente narrar a origem da festa judaica do Purim (Et 9.18-10.3). O nome da celebração deriva da palavra acádia *puru*, "sorte" (Et 3.7), e refere-se às sortes lançadas por Hamã".[Nota 63]

Contudo, o propósito do livro não está tão claro como Raymond afirma e tem sido motivo de discórdias entre os estudiosos. Em resumo pode-se dizer que dois propósitos principais têm sido defendidos para ele:

a) Demonstração do cuidado de Deus para com seu povo;

b) Explicar as origens da festa de "Purim".

Russel Norman Champlin, tão enfático quanto Raymond Dillard, tratando deste assunto afirma: "Embora o nome de Deus não seja ali mencionado, o livro, evidentemente, tem o intuito de dar uma vívida demonstração de como a providência de Deus opera entre os homens, podendo reverter

qualquer situação difícil. Outrossim, a narrativa tem a finalidade de explicar como veio a ser instituída a festa de *Purim*".[Nota 64]

10.4. O Maior Problema do Livro Para os Cristãos

O maior problema que se apresenta no livro, para os cristãos, é a não menção, nele, do nome de Deus. Nesta época Pós-exílica, por exemplo, os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias utilizam em abundância o nome de Deus, e aqui, no Livro de Ester, ele não aparece.

Realmente é estranho que Deus não seja louvado pela libertação que ocorre no livro (9.21-22) e isto tem levado alguns a desejarem que o livro nem estivesse no Cânon. Como já vimos, Lutero foi um dos que declarou o seu desejo de não ver este livro na Bíblia.

Seja como for ele está na Bíblia. Então, é melhor procurar um motivo pelo qual o nome de Deus não aparece. As duas possibilidades mais defendidas são: Censura e respeito. Censura pela parte das autoridades Persas da época e respeito da parte do escritor que não queria utilizar, explicitamente, o nome de Deus, pois de forma implícita parece que ele o menciona em 4.14, onde Mardoqueu conclama Ester a agir em favor de seu povo ao dizer: "pois se te calares agora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas tu e a tua família sereis eliminados. Quem sabe se não foi para este momento que foste conduzida à realeza?".

Talvez aqui estivesse nascendo a interpretação errada de não tomar o nome de Deus em vão simplesmente por não o utilizar, ou substituir por um outro, como é o caso, mais adiante, da troca do nome Yavé pelo título Adonai.

10.5. A Utilização do Livro na Pregação

Não é muito simples utilizar o texto de Ester na pregação, mas pelo menos duas formas se apresentam claras para isto:

1) Utilizando o livro como um todo, enfatizando a ação silenciosa de Deus na história, preservando o seu povo e mudando o mal em bem.

2) Utilizando o texto áureo do livro (Ester 4.14). Deus colocou Ester naquela posição com um propósito. Se ela não agisse como deveria, de alguma outra parte Deus traria o socorro desejado, e ela perderia o privilégio de ter sido um instrumento de Deus. Parece que esta lição pode ser aplicada a muitas situações em várias épocas e lugares.

10.6. O Esboço Geral do Livro

O esboço geral do livro, dentre outras possibilidades, levando-se em conta os assuntos de seu conteúdo, pode muito bem ser apresentado em cinco divisões principais, como segue:

1. COMO ESTER SE TORNOU RAINHA DA PÉRSIA (1.1-2.20)

1.1. O Banquete servido pelo Rei Assuero (1.1-9)
1.2. Vasti perde sua posição de Rainha (1.10-22)
1.3. Ester é escolhida como rainha para o lugar de Vasti (2.1-20)

2. MORDECAI LIVRA DA MORTE O REI DA PÉRSIA (2.21-23)

3. HAMÃ PROCURA DESTRUIR TODOS OS JUDEUS (3.1-4.17)

3.1. Hamã não é reverenciado por Mordecai (3.1-5) 3.2. Hamã planeja destruir todos os Judeus (3.6-15) 3.3. Mordecai pede ajuda à rainha Ester (4.1-17)

4. ESTER PROCURA MUDAR A SITUAÇÃO DE PERIGO DOS JUDEUS (5.1-7.10)

4.1. Ester convida Hamã e o rei para um banquete (5.1-14)
4.2. Mordecai é honrado por ter salvo a vida do rei (6.1-14)
4.3. Ester denuncia Hamã perante o rei durante o banquete (7.1-10)

5. O PERIGO É TRANSFORMADO EM VITÓRIA E EXALTAÇÃO PARA OS JUDEUS (8.1-10.3)

5.1. Os Judeus são autorizados a se defenderem e vencem (8.1-9.16)
5.2. Foi instituída a festa de Purim (9.17-32)
5.3. A posição elevada de Mordecai no Império Persa (10.1-3)

10.7. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

Seguem algumas informações ou destaques que podem colaborar para uma melhor compreensão do texto. São elas:

1) O rei Assuero, em grego Xerxes, que aparece em Ester 1.1, é o mesmo rei mencionado em Esdras 4.6, o qual reinou entre 486-465 a.C. Talvez para destacar ainda mais a grandeza de seu domínio o texto fala em cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até a Etiópia, e não das divisões básicas chamadas de satrapias, as quais englobavam várias províncias. As satrapias nunca passaram de trinta e uma. Outra possibilidade pode ser porque todos os príncipes das províncias, e não somente os sátrapas, foram convidados para a festa, como se vê em Ester 1.3.

Também é bom destacar que o país chamado de Etiópia, literalmente Cuxe, neste texto, encontrava-se ao sul do Egito, e não pode ser identificado com a moderna Etiópia.[Nota 65]

2) Em Ester 1.10 são mencionados os sete oficiais que serviam ao rei. A palavra que foi traduzida por oficiais (*sarîs* - syris;), neste contexto, tanto pode significar oficiais mesmo como eunucos, castrados, pois eles tinham acesso ao harém (Et 1.11), diferindo do contexto de Gênesis 37.36, onde o título é utilizado para Potifar, com certeza, com o significado de oficial,

pois ele era casado.

3) O mês de tebete que aparece em Ester 2.16 equivale a, aproximadamente, dezembro/janeiro. Este versículo também informa que Ester foi levada ao rei, e se tornou rainha, no sétimo ano do reinado de Xerxes. Como a festa que ele deu, quando houve o incidente com Vasti, ocorreu no terceiro ano de seu reinado (Et 1.3), ele ficou quatro anos sem uma rainha.

4) A expressão "Mardoqueu estava sentado à porta do palácio real", literalmente "à porta do rei" (Et 2.19), indica que ele era um dos oficiais do rei. Ainda que não se tenha pelo livro indicações seguras a respeito das funções de Mardoqueu, em especial, o "estar à porta" na antiguidade indicava a função de julgar. Seja como for, mesmo não podendo confirmar qual era a função exata, é importante perceber que ele era um funcionário do governo.

5) O Problema entre Mordecai e Hamã em Ester 3.1-6

Para entender um pouco melhor a desavença que havia entre Mordecai e Hamã é bom perceber que eles eram inimigos históricos. As nações às quais pertenciam sempre foram inimigas. Mordecai é descendente de Israel e Hamã era descendente do rei Agage, rei amalequita que foi morto por Samuel na época de Saul (1 Sm 15.32-33). Agora, muitos séculos depois do ocorrido com Samuel, Mordecai e Hamã encontram-se prestando serviços ao rei da Pérsia. Hamã o Agagita, como é chamado, como tinha um cargo superior deveria ser honrado pelos subalternos, o que era o caso de Mordecai. Contudo, Mordecai, sendo judeu, não se prostrava diante de um amalequita (Et 3.4), o que resultou no ódio de Hamã.

6) O meses que são citados em Ester 3.7, nisã e adar, correspon-dem, pela ordem, a aproximadamente, março/abril e fevereiro/março, e mostram que os preparativos para a matança dos judeus durariam cerca de um ano. O texto diz assim: "No primeiro mês, que é o mês de nisã, do décimo segundo ano do rei Xerxes, lançaram o pur, isto é, adiante de Hamã, para saber o dia e o mês do extermínio. E caiu no décimo segundo mês, o mês de adar".

7) Aqueles que não conseguem ver nada de religioso no Livro de Ester não podem deixar de prestar atenção no texto de 4.16, a resposta de Ester ao pedido de Mardoqueu. Ele diz assim: "Vai e reúne todos os judeus que estão em Susã, e jejuai por mim. Não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e minhas criadas também jejuaremos como vós. Depois irei à presença do rei, ainda que isso seja contra a lei. Se for preciso morrer, morrerei".

Não há dúvida que jejuar é um ato religioso. No Antigo Testamento ele era costumeiramente acompanhado por orações.

Assim, por este texto, percebemos que os judeus, a pedido de Ester, e também ela e suas criadas, oraram e jejuaram (Et 4.17), pedindo a Deus, é óbvio, uma saída para aquela situação tão difícil na qual se encontravam.

8) A forca preparada por Hamã, para enforcar Mardoqueu, tinha cinquenta côvados de altura.

Como um côvado tinha aproximadamente 45 centímetros, a altura da forca era de 22 metros (Et 5.14). Ao que parece ele desejava levantar um monumento que fosse visto por todos e de muito longe.

9) O mês de sivã equivalia a, aproximadamente, maio/junho (Et 8.9).

10)A Festa de Purim, destacada em 9.20-32

A festa de Purim é um dos destaques deste livro. A tal ponto que alguns concluem que o motivo dele ter sido escrito foi explicar a origem desta festa. Para que se entenda a razão desta suspeita é bom lembrar o significado da palavra "Purim". Ela é o plural de "Pur", que significa sorte. Como é possível verificar em 3.7 Hamã havia lançado sorte para escolher o dia em que destruiria o povo judeu. Como a sorte foi mudada (9.22) e naquela data os judeus além de não serem destruídos acabaram destruindo seus inimigos, instituiu-se uma festa comemorativa daquela data que acabou levando o nome de "Purim", ou seja, sortes, lembrando que as sortes foram mudadas.

Notas

Nota 60 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.180. [Voltar]

Nota 61 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: II Reis, I Crônicas, II Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1826. [Voltar]

Nota 62 - BALDWIN, Joyce G. Ester: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1986, p.43. [Voltar]

Nota 63 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.181. [Voltar]

Nota 64 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1825. [Voltar]

Nota 65 - BALDWIN, Joyce G. Ester: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1986, p.49-50. [Voltar]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, A. A. 2 Samuel. In: HUBBARD, David A. e BARKER, Glen W. (ed. ger.) *Word biblical commentary*. Dallas, Texas: Word Books, Publisher, 1989, v.11.

ARCHER, Jr. G. L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* : panorama de introdução. 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. (A Bíblia Fala Hoje)

BALDWIN, Joyce G. *1 e 2 Samuel*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996. (Série Cultura Bíblica) BALDWIN, Joyce G. *Ester*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1986. (Série Cultura Bíblica) BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA, Stuttgart, Deutsche Bibelgeschlschaft, 1997.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução do Centro Bíblico Católico de São Paulo. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada Almeida Século 21*: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BUTLER, Trent C. In: HUBBARD, David A. e BARKER, Glenn W. (Ed. Geral) *Word biblical Commentary*: Joshua. Waco, Texas: Word Books, Publisher, 1983, v.7.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*: Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v.2.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado*: versículo por versículo: dicionário. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v.7.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*: 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001, v.3.

CUNDALL, Arthur E. Juízes. In: CUNDALL, A. E, e MORRIS, L. *Juízes e Rute*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992. (Série Cultura Bíblica)

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DeVRIES, S. J. 1 Kings. Em: HUBARD, D. A. (ed. ger.). *Word biblical commentary*. Waco, Texas: Word Books, Publisher, 1985. v.12.

DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

EVERY-CLAITON, Joyce Elizabeth W. *Rute*. Curitiba e Belo Horizonte: Missão Editora e Encontrão Editora, 1993. (Em Diálogo com a Bíblia)

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica*: introdução ao texto massorético: guia introdutório para a Biblia Hebraica Stuttgartensia. 3.ed. ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Velho Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

GUSSO, Antônio Renato. *Panorama histórico de Israel para estudantes da Bíblia*. 4.ed. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2010.

HESS, Richard. *Josué*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HUBBARD, Jr, R. L. *First & second kings*. Chicago: Moody Press, 1991.

KIDNER, Derek. *Esdras e Neemias*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989. (Série Cultura Bíblica) LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

MITCHEL, H. G. *The ethics of the Old Testament*. Chicago: The University of Chicago Press, 1912.

MORRIS, Leon. Rute: introdução e comentário. In: CUNDALL, A.

E, & MORRIS, L. *Juízes e Rute*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1992. (Série Cultura Bíblica) SELMAN, Martin J. *1 e 2 Crônicas*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SNAITH, N. H. The first and second books of kings. In: BUTTRICK, G. A. (ed. ger.). *The interpreter's Bible*. New York: Abingdon Press, 1954. v. 3.

THE SEPTUAGINT VERSION OF THE OLD TESTAMENT: With an English Translation; and With Various Reading and Cri-tical Notes, Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1974.

WALSH, J. T. 1 Kings. Em: *Berit olam series.* Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1996.

WEVERS, J. W. The first book of the kings. In: LAYMON, C. M. (ed. ger.). *The interpreter's one-volume commentary on the Bible* Nashville and New York: Abingdon Press, 1971.

WISEMAN, Donald J. *1 e 2 Reis*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008. (Série Cultura Bíblica)

Table of Contents

1. SUMÁRIO
2. INTRODUÇÃO
3. INTRODUÇÃO GERAL AOSLIVROS HISTÓRICOS
4. O LIVRO DE JOSUÉ
5. O LIVRO DE JUÍZES
6. O LIVRO DE RUTE
7. OS LIVROS DE 1 E 2 SAMUEL
8. OS LIVROS DE 1 E 2 REIS
9. OS LIVROS DE 1 E 2 CRÔNICAS
10. O LIVRO DE ESDRAS
11. O LIVRO DE NEEMIAS
12. O LIVRO DE ESTER
13. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS